



VALE A PENA PLANTAR TRIGO ?

A partir da página quatro da presente edição, a conveniência ou não do cultivo do trigo está em debate.

O COTRIJORNAL reuniu em torno de uma mesa o chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, Ottoni Souza Rosa e outros pesquisadores daquele organismo da EMBRAPA sediado em Passo Fundo, com agricultores de nossa região. Umberto Garófalo, diretor da CTRIN, também fala sobre o assunto.



RECEITAR DEFENSIVOS É DE COMPETÊNCIA DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO

— Página 20 —

FINANCIAMENTO DO BASA- MÁQUINAS PARA A COTRIJUI-NORTE

— Página 18 —

CAPITALIZAÇÃO

Nas páginas centrais, associados opinam sobre capitalização.

GENERAL FIGUEIREDO VISITOU A COTRIJUI

A grande imprensa deu ampla cobertura ao roteiro cumprido pelo general João Baptista Figueiredo e comitiva em Ijuí. Em editoriais, à página 3, COTRIJORNAL oferece um retrospecto da visita feita à COTRIJUI.

ASSOCIADOS CHAMADOS NA SEDE DA COTRIJUI

Estamos divulgando nesta edição uma relação de nomes de associados que devem comparecer com a máxima urgência na Cotrijuí-sede. Veja se você é um deles. Página 16.



Rua das Chácaras, esquina Porto
Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCR N° 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
vin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Biza-
rello, Flávio Sperotto e Reinholdo
Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amau-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Bruno Eisele, Antonio Cândido da
Silva Netto, Olympio Belline.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Cláudio Kohler, Leonides Dalla-
brida, Telmo Rovero Ros.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 16.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração
Rua das Chácaras, esquina Porto
Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
Redatores:

Valmir Beck da Rosa

João Roberto Vasconcellos

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set no
DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

CIRCULAÇÃO NACIONAL

Senhor Diretor: Através
de revista de circulação nacio-
nal, tive notícias do COTRI-
JORNAL, que embora não o
tenha lido, tenho certeza de
seu bom conteúdo jornalístico.
Sou estudante de engenharia
(3º ano ESALQ) e pretendo es-
pecializar-me em cooperativis-
mo. Consulto sobre a possibili-
dade de receber o COTRIJOR-
NAL, pelo que já antecipo
agradecimentos. Antonio Fer-
racci Filho, rua Piropora, 315
Vila Mariana, São Paulo.

PUBLICAÇÃO IMPORTANTE

Prezado Editor: Como
técnico atuando no setor agro-
pecuário no Rio Grande do
Sul e Santa Catarina, tenho re-
tirado bons subsídios de algu-
mas publicações. E o COTRI-
JORNAL, pela seletividade das
matérias que publica, merece
lugar de destaque. Tendo o
maior interesse em recebê-lo
regularmente, peço que me
informe como faço para
conseguir uma assinatura. Ed-
gar da Silva, Caixa Postal,
147, Osório, RS.

CARTEIRA AGRÍCOLA

Senhor Editor: Tomei
conhecimento da existência do
COTRIJORNAL através da Re-
vista "Livrocere". Como as re-
ferências a esse jornal foram
as melhores possíveis, desejo sa-
ber qual o procedimento para
ser incluído no rol de assinan-
tes. Meu interesse maior decor-
re do fato de ser funcionário
da Carteira Agrícola do Banco
do Brasil e de ser adepto do
cooperativismo, que está reco-
meçando nesta região. Anteci-
po agradecimentos. Nelson
Paulo Pimentel, av. Bandeiran-
tes, 466 - Junqueirópolis, São
Paulo.

IMPORTANTE JORNAL

Senhor Redator Chefe:
Comunico meu novo endereço
para que possa continuar rece-
bendo esse importante jornal.
Cada vez que leio o COTRI-
JORNAL me sinto como se
estivesse no meu pago. O
"COTRI" deve ser remetido
agora para o Centro de Pesqui-
sa Agropecuária dos Cerrados
- CPAC/EMBRAPA - Km. 18
BR-20, Caixa Postal, 70/0023,
Planaltina, Brasília. Antecipo
agradecimentos, eng. agr. Clau-
dio Sanzonowicz.

UNIVERSIDADE DE VIÇOSA

Prezado Editor: Sou estu-
dante de zootecnia da Univer-
sidade Federal de Viçosa. Dese-
jo externar os parabéns ao
COTRIJORNAL pelos assuntos
abordados nas diversas áreas:

agricultura, cooperativismo,
economia, saúde, piscicultura,
veterinária, zootecnia, cultura
geral, aliás, do que são pobres
os jornais brasileiros. Como fa-
ço para receber regularmente
esse maravilhoso jornal e se o
mesmo também poderá ser re-
metido ao Centro Acadêmico
de zootecnia, pois terá grande
importância como fonte de ma-
terial didático aos estudantes?
Atenciosamente, Rogério Faria,
Universidade Federal de Viço-
sa, Caixa Postal, 391 - 36.570
- Viçosa, Minas Gerais.

EM NOME DE MEU FILHO

Senhores Redatores: Gos-
taria que os senhores também
remetessem o COTRIJORNAL
para meu filho, Marcos Danilo,
residente na SQS 214, Bloco B
- apto. 406, em Brasília, que
é coordenador do Desenvolvi-
mento da Agricultura para a
Região Amazônica. Podem dis-
por dele como se fosse comigo.
Me antecipo nos agradecimen-
tos. Severino Collares, Haras
Coral, Caixa Postal, 419, Bagé,
RS.

EM NOME DE UM AMIGO

Prezados Redatores: Te-
nho um amigo em Juiz de Fo-
ra, Minas Gerais, a quem reme-
to todos os números do CO-
TRIJORNAL após tê-lo lido.
Mas agora resolvi colecioná-los
para futuras consultas. Há pos-
sibilidade de remeter um exem-
plar de cada edição para meu
amigo? Seu endereço é dr. J.
Resende R. Oliveira, Praça
João Tostes, 72 Juiz de Fora,
Minas Gerais. Antecipo agrade-
cimentos. Severino Collares,
Bagé.

PEDIDO DE SALVADOR

Prezado Editor: Ficarei
eternamente grato se os amigos
da COTRIJUI me remeterem
regularmente o excelente
COTRIJORNAL. Atenciosa-
mente, eng. agr. Hermann Celso
Fonseca Isensee, rua Plínio
Moscoso, 1246 - Jardim Api-
pema, Chame-Chame, Salvador
- Bahia.

IMPORTANTES REPORTAGENS

Visto a importância das
reportagens e artigos, gostaria
de receber o COTRIJORNAL.
Sou estudante de agronomia e
veterinária. Cordialmente,
Waylton dos Santos Franco,
rua André Marques, 579, Santa
Maria, RS.

MATERIAL DE PESQUISA

Estudo técnica agrícola,
mas enfrente muitas dificulda-

des de material de pesquisa.
Será possível contar com a
COTRIJUI para enviar-me o fa-
buloso COTRIJORNAL? Aten-
ciosamente, Hélio F. Capeles-
so, rua Padre Biagio Simonetti,
732, Fraiburgo, Santa Catarina.

TÉCNICAS AGRÍCOLAS

Solicito a doação de uma
assinatura do COTRIJORNAL
para este estabelecimento de
ensino, visto termos introduzi-
do técnicas agrícolas em nosso
currículo para o ano letivo.
Professora Oiara Hollweg, vice-
diretora, Grupo Escolar Dr.
João Batista de Lacerda, rua
Bispo Sardinha, Bairro Ipiran-
ga, Porto Alegre.

SAUDAÇÕES COOPERATIVISTAS

Solicito esclarecimento
sobre a forma de pagamento
para uma assinatura do COTRI-
JORNAL. Atenciosamente,
Osmar Jacob Eckert, Linha
Floresta - 99.450 - Selbach,
Rio Grande do Sul.

ESTUDANTE, 2º ANO

Sendo estudante do 2º
ano de técnicas agrícolas e en-
frentando dificuldades para ob-
ter literatura técnica, solicito
dos esclarecidos dirigentes da
COTRIJUI uma assinatura do
COTRIJORNAL. Se possível,
gostaria de receber exemplares
antigos do jornal, que muito
me orientará. Desde já, agra-
deço, André Koefender, Caixa
Postal, 47, Lajeado, RS.

INFORMADO PELA AGROCERES

Encontrei na Revista
Agrocere o nome do COTRI-
JORNAL. Ficarei grato se pu-
der recebê-lo, pois sei que é
um veículo de relações pú-
blicas da fabulosa COTRIJUI.
Eng. Agr. Pedro Henrique de
Moura Ferreira, rua Marques,
de São Vicente, 29, apt. 401
Gávea, Rio de Janeiro.

PRESTIGIOSO JORNAL

Gostaria de ser mais um
assinante desse prestigioso
jornal, o qual considero da
maior importância para o meu
trabalho técnico. Cordialmen-
te, Miguel Angel Coscia - Lon-
drina, Paraná.

NOVO ENDEREÇO

Solicitamos que retifi-
quem nosso endereço para:
EPP, Empresa Paulista de Pro-
paganda, rua Bento Freitas,
178, 1º andar (sede própria),
edifício Parque Arouche, Vila
Buarque, São Paulo.

RECEBIMENTO DO COTRIFATOS

Senhor Editor: Solicito
sua atenção no sentido de in-
formar-me qual o procedimen-
to a adotar para receber tam-
bém o "Cotrifatos". Certo de
sua atenção, desde já agradeço.
Eng. Agr. Lair Angelo Baum
Ferreira, Caixa Postal, 10.131,
Porto Alegre.

NOTAS DA REDAÇÃO:

Sr. Severino Collares, já adota-
mos providências para que seu
filho Marcos Danilo receba o
COTRIJORNAL. Quanto ao sr.
J. Resende de Oliveira, ele já
havia se dirigido a nós pedindo
assinatura. Todas as demais
solicitações estão sendo aten-
didas a partir da presente edi-
ção. Não faz necessária a re-
messa de numerário, pois o
COTRIJORNAL é remetido
numa gentileza da COTRIJUI.
Anotamos e agradecemos as in-
formações da Associação Médi-
ca do Rio Grande do Sul; o bo-
nito cartão postal enviado pe-
la leitora e amiga Laura Della
Monica, de Olinda, Pernambu-
co e o convite da agrônoma Ro-
sana Teresa Mendes, formanda
da Escola Superior de Agricul-
tura de Lavras, Minas Gerais.
O leitor Lair Angelo Baum
Ferreira deve dirigir-se a nossa
co-irmã COTRISA, em Santo
Angelo, que edita o "Cotrifa-
tos".



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

CONFIE-NOS A ADMINISTRAÇÃO DO SEGURO

*de seu automóvel: obrigatório
facultativo

*de sua residência: incêndio
roubo

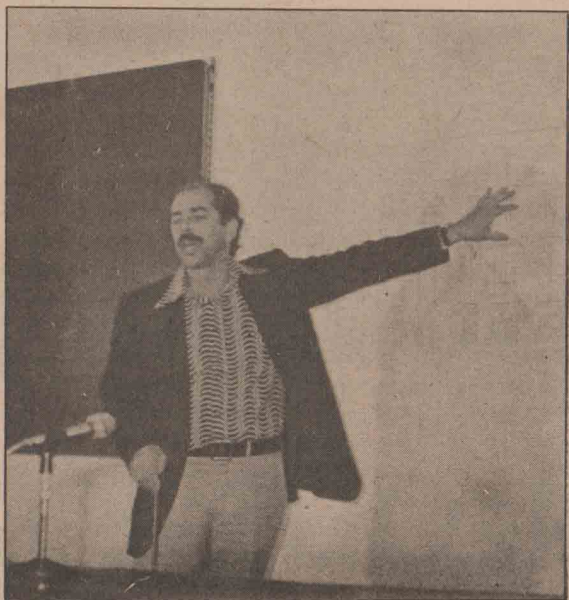
*de vida em grupo e acidentes pessoais

COTRIEXPORT - Corretora de Seguros Ltda.
Em IJUI, anexo ao Dep. Assistência Social da COTRIJUI
Em Porto Alegre, Rua Cel. Vicente, 561.



General Figueiredo em Ijuí:

COTRIJUI EXPÕS REALIZAÇÕES E PROBLEMAS QUE O COOPERATIVISMO ENFRENTA



Em Ijuí, no dia 29 último, o general João Baptista Figueiredo conheceu as instalações da Cotrijui-sede. Chegando no município por volta das 11 horas, procedente de Cruz Alta, dirigiu-se com a comitiva para a cooperativa. Após ter percorrido de automóvel as instalações de armazéns e a fábrica de óleo, foi introduzido no auditório para ouvir uma exposição feita pelo diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.

O general João Baptista Figueiredo estava acompanhado do governador Sinval Guazzelli, do prefeito Wilson Mânica e políticos das áreas federal e estadual.

No decorrer da exposição feita pelo presidente da Cotrijui o general Figueiredo não fez qualquer observação, limitando-se a ouvir com o máximo de atenção. Posteriormente, logo após o churrasco servido em sua homenagem no CTG Laureano Medeiros, quando discursou, numa clara alusão ao que viu e ouviu na Cotrijui, o general disse: "Vim aqui para aprender".

A EXPOSIÇÃO

Por cerca de uma hora, tempo excessivamente limitado para uma exposição, mesmo que sucinta, sobre a Cotrijui, o diretor presidente Ruben Ilgenfritz da Silva falou para a comitiva visitante. Numa síntese retrospectiva, usando diapositivos projetados, resumiu a vida da cooperativa desde os primórdios quando agricultura e cooperativismo nesta região, eram quase que sinônimos de aventura, de quimera, de coisas irrealizáveis. Mas ao discorrer sobre o que tem sido realizado aqui sob a união e o esforço do cooperativismo, ele aproveitou para solicitar o aprimoramento da legislação cooperativista, para assegurar cada vez mais sua participação no concerto da economia nacional.

Ressaltou que se faz necessária a re-

visão de programas de investimento em áreas fundamentais da produção primária, com agilização no provimento de recursos básicos e a custos financeiros compatíveis. Destacou os esforços feitos, em diferentes épocas, pela própria cooperativa para resolver problemas de ordem pública, como por exemplo os de armazenagem e de transportes. Nesse sentido, lembrou a construção do Terminal Graneleiro de Rio Grande, que praticamente deixou o Estado com capacidade ociosa na área marítima, em termos de armazenamento e cadência de carga a barcos barra-fora. Pediu a atenção do general para a ligação dos rios Ibicui-Jacui, que nos daria capacidade plena de competição, a nível de preçotransporte, com os produtores norte-americanos e a construção de ferrovia ligando Porto Alegre a Rio Grande em traçado direto.

No conjunto de suas explicações sobre o funcionamento da Cotrijui, Ilgenfritz da Silva destacou a necessidade de preços estimuladores para os produtos agropecuários e suas fixações em tempo hábil para que os agricultores e pecuaristas possam estabelecer os seus programas de trabalho dentro dos melhores padrões que a técnica e a pesquisa recomendam.

Especificamente na área da tecnologia, Ilgenfritz da Silva lembrou os esforços que a cooperativa vem fazendo há anos, porém ainda sem sucesso, de obter licença para a aviação agrícola noturna. Essa técnica — frisou o presidente da Cotrijui — que é aplicada há anos nos países de agricultura desenvolvida — além de proporcionar um trabalho de pulverização com resultados de cem por cento, ainda dá uma acentuada economia de produtos químicos aplicados, pois à noite as correntes aéreas são descendentes.

O GENERAL E COMITIVA VIRAM UMA PARCELA ATUANTE DO COOPERATIVISMO



O diretor-presidente da COTRIJUI fez uma sucinta, porém objetiva exposição da cooperativa, ao general João Baptista Figueiredo, durante a estada de sua excelência em Ijuí, no dia 29 de julho. E estamos certos, também, que o ilustre visitante bem como a totalidade dos membros de sua comitiva, colheram bons frutos da referida exposição.

O presidente da COTRIJUI foi claro. Claro e objetivo. É verdade que deixou de relatar muita coisa de real grandeza e importância sobre esse universo que identifica hoje uma larga parcela do cooperativismo gaúcho. Mas o pouco que conseguiu dizer, numa luta tenaz contra o tempo, excessivamente limitado, teve a valorizar-lhe o expressivo selo da verdade. E o que é importante: o general pressentiu essa verdade.

Na fala do líder cooperativista, no relato maciço de realizações que marcam hoje uma etapa até preponderante na vida sócio-econômica do nosso Estado, o general João Baptista Figueiredo viu o limiar da pujança de um sistema que se consolida na proporção em que a economia do Estado e o próprio Produto Nacional Bruto, a nível nacional, se consolidam.

É bom que tal fato tenha ocorrido. Se a comitiva visitante tirou proveito desse contato; se colheu frutos de sua vinda a região, e sua excelência disse que "veio para aprender", então ninguém deve ter qualquer dúvida de que resultará em reais benefícios para a Nação.

O cooperativismo, um sistema econô-

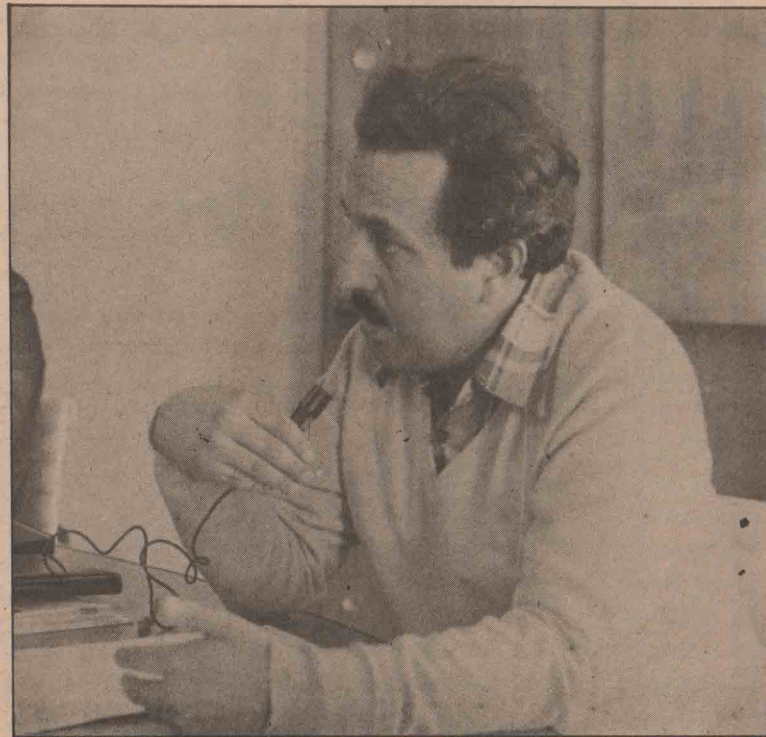
mico válido em todo o mundo desenvolvido, enfrenta sérios problemas de estrutura no Brasil, onde é apenas considerado um sub-sistema. Atacado por uns e indiferente para muitos outros, não chegou ainda ao alcance do conhecimento das massas trabalhadoras e consumidoras em geral, na realidade, as classes que mais tendem a se beneficiar e a beneficiar o próprio sistema.

Do pouco que o general João Baptista Figueiredo ouviu em Ijuí, no espaço de cerca de apenas uma hora da fala de Ruben Ilgenfritz da Silva, ele teve uma síntese do que é possível realizar sob o comando do sistema, mas sem dúvida formou também uma idéia das dificuldades e problemas enfrentados pelos produtores, em todas as escalas da produção primária, problemas esses que só é possível enfrentá-los e vencê-los através da união e proteção do cooperativismo.

Achamos que sua excelência tirou real proveito de sua vinda a esta região onde o cooperativismo tem dado exemplos de eficácia, não só a nível de produção, mas também nos demais escalonamentos de atividades necessárias ao andamento da vida sócio-econômica em geral. Aqui o cooperativismo está presente na produção, nos transportes, na pesquisa, na experimentação, na saúde, na educação, na comunicação e no comércio. E em todos esses setores sua participação é eficaz ou tende a aperfeiçoar-se, pois o cooperativismo é dinâmico na medida em que cresce e se ampliam as necessidades da coletividade no contexto da comunidade humana.

VALE A PENA PLANTAR TRIGO?

As sucessivas frustrações na cultura do trigo vem preocupando cada vez mais as partes diretamente interessadas nessa economia. Produtores, técnicos e autoridades, questionam-se sobre a conveniência ou não em persistir nessa cultura. Tendo em vista essa constante dúvida a respeito do importante assunto e na busca de um consenso de opinião, o COTRIJORNAL reuniu produtores e técnicos com a finalidade de debater essa problemática. No dia 1º de agosto, especialmente convidados, estiveram na COTRIJUI o chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, engenheiro agrônomo Ottoni Souza Rosa, acompanhado pelos técnicos Sérgio Dotto, especialista em melhoramento genético e Ana Cândida Pacheco Aguirre, especialista em fertilidade de solo, com a finalidade de trazer a palavra da pesquisa a um grupo de agricultores convidados para participar do debate. Participou em especial, o chefe do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional (CTRIN), sr. Umberto Garófalo, que se encontrava em Ijuí. Os agricultores participantes foram os associados João Telló (Tenente Portela); Francisco Marsaro (Augusto Pestana); Waldir Eickhoff (Ajuricaba); Firmino Ribeiro Cezimbra (Ijuí e Ajuricaba); Antonio Primo (Tenente Portela) e Edmundo Stadler (Santo Augusto). Pelo Departamento Técnico participaram o seu diretor, Nedy Rodrigues Borges, Alberto Parenti Filho e os técnicos rurais Anilto Feliciano dos Santos, Edeimar Vidal de Siqueira e Wilmar Endges. Antes da abertura dos debates, o chefe do CNPTrigo, Ottoni Souza Rosa, fez ampla exposição dos trabalhos de pesquisa e experimentação que são desenvolvidos por aquela unidade da EMBRAPA, sediada em Passo Fundo, do que damos uma síntese, no espaço seguinte.



Dr. Ottoni Souza Rosa

OS TÉCNICOS DIZEM QUE SIM

Em sua exposição aos agricultores e técnicos reunidos na COTRIJUI, o chefe do CNPTrigo lembrou que a frustração da safra tritícola de 1977 trouxe elevados prejuízos para a economia do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, especialmente estes dois Estados. Em face disso, grandes discussões foram abertas sobre a conveniência de continuarmos ou não produzindo trigo nesta região, que ecologicamente, é similar ao centro-sul do Paraná.

Essa frustração mostrou, também, que a tecnologia recomendada até 1977 era insuficiente para garantir um rendimento razoável à lavoura de trigo. Tivemos nas lavouras fortes ataques de doenças e elevados prejuízos causados por pulgões; as plantas apresentaram um sistema radicular extremamente fraco, que não teve condições de fornecer à planta os elementos suficientes para dar enchimento dos grãos, no final do ciclo.

A pesquisa considera que nesta região é possível produzir trigo com bons rendimentos e com margem de risco pequeno, se forem utilizadas as recomendações da tecnologia. Ressaltou, textualmente, Ottoni Souza Rosa: "Consideramos que temos que utilizar em nossa região um sistema de produção que assegure bons rendimentos mesmo em anos com condições climáticas tão adversas como as que ocorreram em 1977. Caso contrário, estaremos dependendo de fatores incontroláveis e até mesmo da sorte.

Por outro lado, é necessário nos conscientizarmos que houve mudanças nas condições de cultivo que favoreceram a intensificação de alguns problemas que há dez anos atrás não existiam ou não eram importantes. Por exemplo: o cultivo contínuo de trigo sobre trigo, favoreceu o desenvolvimento de fungos e nematóides que

hoje atacam o sistema radicular, tornando a planta fraca. A aplicação de calcário em grande escala visando aumentar o rendimento da soja, favoreceu o ataque do mal-do-pé, ou "Ophiobolus", e da virose do mosaico, que isoladamente, podem comprometer a rentabilidade de uma lavoura mesmo quando forem boas as condições de clima.

ROTAÇÃO

Essas duas doenças poderão, com base em resultados de experimentos, causar grandes prejuízos nas próximas safras, se os triticultores não utilizarem sistemas de cultivo adequados para seu controle. A rotação é extremamente necessária. O trigo deve ser cultivado em áreas que não foram plantadas com esse cereal ou com cevada, no mínimo, por dois anos. Esse período em que a terra esteve sem cultivo de trigo tem permitido o controle do "mal-do-pé" e possibilitado um bom desenvolvimento do sistema de raízes. O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo recomenda que o agricultor cultive com trigo, de forma alternada, apenas um terço ou um quarto de sua propriedade. O restante da área, no inverno, deve ser cultivada com espécies que cortem o ciclo dos agentes causadores daquelas doenças.

A influência de rotação será mais evidente em anos com condições climáticas ruins, mostrando menor diferença em safras favoráveis. Dessa forma, o CNPTrigo alerta para a importância da continuidade de adoção dessa técnica em conjunto com as demais.

PREPARO DO SOLO

O plantio direto é de reconhecida importância para a conservação do solo livre da erosão. Os resultados experimentais obtidos com esse tipo de plantio mostraram rendimentos semelhantes aos com o preparo convencional. Além

de proporcionar economia de combustível, tempo e mão-de-obra, ainda resguarda o solo da terrível erosão.

Pesquisas realizadas no CNPTrigo, em 1976, mostraram que a erosão, em solos com plantio direto, foi cinco vezes menor que as ocorridas pelo plantio com lavração. O plantio direto é uma nova técnica que dispensa a lavra e a gradagem. Sobre a melhor técnica para o plantio, consulte os especialistas da cooperativa.

ADUBAÇÃO E CALAGEM

O trigo tem apresentado melhor rendimento quando é feita a calagem em doses até a metade das atuais recomendações dos laboratórios oficiais de análise de solo. Mesmo que a análise recomende a reaplicação do calcário, esta somente será necessária a cada quatro anos. É muito importante cuidar para os aspectos relativos a dosagens, reaplicações, distribuição e incorporação do corretivo, para evitar o agravamento do problema como o "mal-do-pé" ou mosaico do trigo. Deve se ter cuidados, pois as adubações de manutenção recomendadas pelos laboratórios levam em conta solos corrigidos quanto aos níveis de Fósforo e Potássio. Assim, o triticultor que utilizar áreas não corrigidas para estes elementos, deverá usar adubações mais altas quanto a Fósforo e Potássio.

ESCOLHA DAS CULTIVARES

As variedades que nestes três últimos anos tem apresentado melhores rendimentos nos ensaios, foram a CNT e a Jacui, nas antigas. Nas novas, CNT 8, CNT 9, CNT 10, Mascarenhas, Pat 19, Hulha Negra, Glória, Herval e Vacaria.

É importante o cultivo de variedades recomendadas e conforme o zoneamento aconselhado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo.

UM DIÁLOGO FRANCO ENTRE PRODUTOR E PESQUISADOR

EICKHOFF — O que o senhor diz sobre as novas variedades que estão sendo criadas, e os problemas, a vildade que tem sobre as pestes. Me recordo que o Brasil recebeu a visita do Prêmio Nobel da Paz, por sua pesquisa em trigo no México. O que ele pensa sobre a pesquisa no Brasil, já que lá o trigo desenvolveu tanto? Qual é o ponto básico para que uma variedade se adapte bem aqui?

OTTONI — Tanto o CNP-TRIGO quanto a FECOTRIGO, estamos trabalhando em cooperação com o CIMMYT. Para criar uma nova variedade, se leva cerca de dez anos, desde que se faz o cruzamento até que a variedade inicie a ser entregue ao agricultor. Para acelerar esse processo, podemos fazer duas gerações. Logo após o cruzamento, levamos o material ao México e plantamos lá, em novembro, que é o início do inverno. Depois colhemos lá em maio para voltarmos a plantar aqui em junho, o que possibilita fazer duas gerações no mesmo ano. O CIMMYT — Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo, é onde trabalha o dr. Borlaug e outros pesquisadores. Eles têm um programa muito grande de criação de cultivares. Para as condições do México e outros países, eles conseguiram ótimos resultados, com alguns agricultores atingindo de seis a sete toneladas por hectare. Convém frisar que é uma região completamente diferente da nossa. Lá se planta trigo numa área de deserto, seca e que eles irrigam de 4 a 5 vezes, como se planta arroz aqui. E nós temos tentado importar algumas dessas variedades, tentando adaptá-las no Brasil, mas o que se viu é que normalmente são muito suscetíveis a algumas doenças que temos aqui. Por outro lado, quando nossas variedades não tem nada de septoria ou giberela, as mexicanas já estão super atacadas. Por isso, não se pode usar as variedades importadas diretamente, mas se tem feito cruzas com elas procurando pegar só as características boas que elas têm, eliminando os defeitos. O dr. Borlaug esteve aqui e foi otimista, dizendo que conseguiremos resolver o problema. Mas devemos levar em conta que não é só a variedade que vai solucionar a questão. Nossos problemas de produção de trigo aqui têm que ser resolvidos por um conjunto de medidas. Controlando o Ophiobolus, por exemplo, é uma doença que não tem controle químico e não tem resistência genética. Então a única forma de cuidar é na aplicação de calcário e ir fazendo rotação. Mas se fizer plantio conti-

nuado de trigo sobre trigo e aplicar calcário, nós não temos dúvida que vai dar ophiobolus (Mal do pé). Queremos dar a entender que a solução dos nossos problemas no trigo não serão encontradas só no aspecto variedade. Rotação, variedade, fungicida, controle dos pulgões e lagarta, enfim, uma boa técnica, tudo tem que ser somado. Outro aspecto da sua pergunta, é sobre o que temos em relação a novas variedades. Todas as entidades que se dedicam a criação de cultivares, trabalham no mínimo cinco a sete anos na seleção, até que o material fique uniforme. Depois de escolhidas as mais resistentes se coloca esse material durante quatro anos em ensaios de rendimento, plantando as novas variedades ao lado das já bastante utilizadas e conhecidas dos srs. Com base nesses ensaios é que o material é lançado. A preocupação é tornar cada vez mais rigorosos os critérios de lançamento, e junto a isso, orientar o agricultor a não cultivar uma só variedade em sua área. Sempre que lançamos uma nova variedade, é porque temos convicção de que ela é mais adequada às nossas condições dos que as já existentes. É verdade que ocorrem surpresas, como foi o caso do surgimento este ano de uma nova raça de ferrugem do colmo. Isso exige que o Programa de Melhoramentos mude o tipo de país que estava usando no trabalho de criação. Daí a necessidade de uma estreita ligação da pesquisa, assistência técnica e agricultor, para detectar esses problemas.

DOTTO — No caso do México, que o sr. citou, vale frisar que eles têm duas doenças principais, a ferrugem da folha. Além da que nós temos aqui, mais uma ferrugem linear. No ano retrasado, 80 por cento da lavoura deles foi cultivada com a variedade "Jupateco", e perderam praticamente 20 por cento da produção. E só não tiveram prejuízo maior porque trataram com fungicida, pois tiveram um aviso antes. Imaginem o nosso caso, onde temos no mínimo cinco doenças principais e mais umas três ou quatro que ainda vêm incomodando, incorporar todas essas resistências numa variedade só, num país só. Atualmente, os programas de melhoramento do México utilizam 35 por cento de países (variedades) brasileiros, procurando criar melhores condições para nós e para eles próprios.

STADLER — Há muito tempo que planto trigo e tenho notado que a cooperativa fornece semente ao associado, e sou de opinião que a semente de tri-

go deveria receber tratamento. Me parece que nos anos que a cooperativa tratou a semente de trigo, quando ela vinha vermelha, não dava tanta doença na lavoura, como está dando agora.

OTTONI — O que se nota através da pesquisa, é que quando a semente é tratada, aumenta o número de plantas, isso é, melhora a germinação. Mas quando a gente mede em termos de rendimento, não tem se obtido rendimento mais elevado. O que temos que considerar é que com o passar dos anos as coisas mudaram. Há 13 anos, quando eu comeci a trabalhar nesta região, se observava a rotação (pousio), não havia calcário. Hoje as condições são bem outras, o que talvez leve o agricultor a pensar que com semente tratada rende mais. A pesquisa mostra que não. Inclusive, aconselhamos aplicação de fungicida na semente, porque isso ajuda na formação do aspecto da lavoura, mas não se tem obtido vantagem em rendimento, com isso.

CEZIMBRA — Dr. Ottoni, quero lhe fazer uma pergunta e me convencer talvez da preocupação que tenho quanto a herbicida aplicada para combater os inços da lavoura, como a milhã, o papuã e o amoroso. No meu entender, essa herbicida é ativa pelos resíduos que deixa no solo por dois a três anos. Daí, acho que a frustração de safras deve ser atribuída ao clima, às doenças, mas culpo muito o resíduo de herbicidas. O sr. não acha que esses resíduos podem prejudicar a planta na época do cacho e da floração? Essa a pergunta que faço. Quanto ao que o sr. falou, também sou de opinião que se continuarmos a não fazer rotação, o fracasso virá muito breve.

OTTONI — São muitos os agricultores e mesmo técnicos que trabalham na extensão que nos fazem essa mesma pergunta. Se os herbicidas da soja podem prejudicar o trigo. A informação que eu tenho da parte da pesquisa, ao menos com os herbicidas que estão em uso e nas dosagens recomendadas, é que não causa prejuízo sobre o trigo. Pelo menos dos ensaios realizados no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, nenhum deles mostrou, até hoje, redução de rendimento por influência de herbicida aplicado anteriormente. Julgo também que ainda falta mais pesquisa nessa área para termos resultados mais decisivos.

PARENTI — O que se tem notado é que onde o pulverizador é abastecido e na volta onde faz o retorno na lavoura para aplicação do herbicida, se nota depois que a planta de trigo é bem diferente da normal, com



Waldir Eickhoff

o que se supõe que haja influência do herbicida. Mas não se tem certeza, nem provas pela pesquisa, que isso ocorra.

JOÃO TELLÓ — Uma lavoura minha tinha muito papuã. E não venci porque foi um ano de muita chuva. Então, no ano seguinte, passei herbicida. As outras lavouras são bem limpas. Plantei nas duas lavouras. A única diferença que notei é que onde se estacionou o pulverizador para limpeza de algum bico, o trigo atingiu um certo tamanho depois amarelou e morreu. O que não notei é diferença de rendimento de uma para outra lavoura daquele trigo que cresceu. Mas a pergunta que eu quero fazer é a seguinte. No início, o senhor falou qual o tratamento a seguir no trigo, e no ano passado eu fiz tudo isso. Plantei dentro das épocas recomendadas, porque estive lá na EMBRAPA-Passo Fundo. Na ocasião, falei para um dos técnicos que nos acompanhou lá, que na região de Tenente Portela geralmente se planta mais cedo o trigo porque ele não pega tantas doenças como o mais tardio. Temos uma variedade, que é o tal de "Peladinho" que os senhores conhecem, que não é financiada pelo banco. E é a variedade que mais dá lá, no cedo. E este ano eu fiz uma experiência com o IAS-55. Plantei dois sacos dia 1º de março. Mas infelizmente deu 76 dias de sol e depois choveu. O

trigo morreu que não ficou um terço. O que ficou foi pequeno e deu o cacho, e este cacho de seis centímetros, era só terceira e quarta, coisa de assombrar. Mas quando estava para maturar, veio a chuva, ele secou e perfilou. Agora ele está na floração e muito bonito, só não sei o que vai dá. Mas voltando ao caso do "peladinho", tenho um vizinho que nós chamamos de teimoso, porque não observava as normas que a técnica ensina. Sempre planta quando ele quer. Eu já vivo lá 18 anos, e esse homem desde que começou a plantar trigo sempre colheu bem. Ano passado ele plantou "peladinho" e colheu 16 sacos por um. Eu que tratei e fiz uma lavourinha para testemunha, consegui com o tratamento um pouco prejudicado pelas enchurradas, dois sacos e meio por saco de planta, ou seja, 5 sc/ha a mais do testemunha que não tinha fungicida. Isso mostra que o fungicida é válido, se não ocorrer tempo desfavorável como 1977. Se notou perfeitamente que onde o fungicida não pegou, o trigo morreu. No caso do meu vizinho, sem aplicar nada, ele colheu 16 por um. Este ano o peladinho já está na flor, prejudicado pelas chuvas. Mas se estiar, acho que ele vai passar de mim de novo.

OTTONI — Concordo



Firmino Ribeiro Cezimbra

com o senhor que plantar mais cedo para escapar das geadas é interessante. Mas esse mais cedo seria no caso de uma região mais quente, início de maio ou fins de abril. Completamente fora de época, no entanto, como março, em condições normais de chuva e sol, o trigo dá muito pior do que se plantando no início do inverno. Então se explica que na sua região, que forma uma espécie de micro-clima devido a proximidade do rio, o "peladinho" plantado bem no cedo e escapando de doenças, dê boa produção. Mas em Passo Fundo, no CNPTRIGO, fizemos experiências com peladinho de várias origens, e ele deu ano passado muito pior que todas as outras variedades recomendadas. Inclusive, pelos ensaios que fizemos no Vale do Uruguai, nem é aconselhável plantar trigo naquela área. Há casos, no entanto, que os próprios agricultores observam certos tipos de planta, começam a multiplicar e se torna uma variedade. Se os ensaios com o "peladinho" vierem a mostrar resultados positivos, a

própria Comissão terá que recomendá-lo.

ENDGES — Quem sabe seria interessante esclarecer que o calcário não é o causador do Ophiobolus (mal do pé), mas sim, facilita o desenvolvimento dessa doença.

OTTONI — Nós tínhamos ophiobolus aqui no Brasil antes de ter calcário. Há ocorrência de ophiobolus em áreas onde foi desmatado, terra que não recebeu calcário. Quanto a constatação da influência de calcário em relação ao ophiobolus, se fez uma série de ensaios com aplicações diferentes de calcário, em vários locais. Se observou que o ataque de ophiobolus era maior depois do segundo-terceiro ano, naquelas parcelas com maior quantidade de calcário. Nas áreas onde não se aplicou calcário, ou em quantidades menores, não tinha ophiobolus. Houve uma sucessão de repetições e hoje não temos dúvidas dessa influência do calcário no mal do pé. Mas não se diga que o calcário é o causador do ophiobolus. O mal está no solo e não tem condições

para seu desenvolvimento. Ao incorporar calcário, se cria condições para o desenvolvimento do fungo que causa o ophiobolus.

PARENTI — Segundo técnicos do Banco do Brasil, o maior agente financiador da triticultura nacional, produtividade igual ou inferior a 900 kg/ha é desaconselhável, e quem não ultrapassar esse índice em 1978, deve abandonar o trigo. O que o dr. Ottoni nos diz a respeito?

OTTONI — Temos uns dados sobre produtividade e custos de lavoura. Segundo estudo da Fecotriga, o custo de um hectare de lavoura tradicional (sem fungicida) com adubação e toda a técnica, em 1978 ainda não com o aumento do adubo, é de Cr\$ 3.388,00. Isso representa que um agricultor, produzindo 900 kg/ha ao preço atual, ainda teria um prejuízo de Cr\$ 131,00, considerando uma variação de despesas entre trigo e soja. Se somarmos a isso mais o custo do tratamento com fungicidas, vamos ver que será preciso um rendimento bem superior para que o agricultor tenha compensação.

Afinal, ninguém faz investimentos para receber parte de indenização (Proagro). Quem planta quer lucros.

COTRIJORNAL — O trigo é um dos produtos que mais pesa na pauta brasileira de importações. Como chefe de um organismo dedicado à pesquisa, qual sua opinião sobre o subsídio ao trigo?

OTTONI — Acreditamos que um aspecto importante seria traçar uma política de não favorecer o consumo de trigo. Entendemos que existe uma série de outros cereais com valor alimentício semelhante ao trigo e que dão mais facilmente aqui no Brasil que o trigo. Trigo não é fácil como o soja e outros. E no caso do trigo, a política atual é de estimular o consumo. O trigo está sendo comprado do produtor a Cr\$ 4.150,00 a tonelada, e vendido ao moinho a Cr\$ 1.562,00 a tonelada. Esse preço, extremamente baixo, estimula o consumo entre a população. Então o pão aqui tem preço mais baixo que nos países grandes produtores de trigo, como Argentina, Canadá e Estados Unidos. Como é mais fácil para nós o cultivo de arroz, milho, mandioca e soja, achamos conveniente haver um subsídio ou estímulo a tais culturas e aplicação de um preço real ao trigo. Isso leva a distorções de mercado, fazendo que produtos à base de farinha, pelo baixo custo, sejam inclusive usados para alimentação animal. Mesmo noutras regiões, onde não há muita tradição em consumir produtos derivados do trigo, existe a tendência de optar por estes, devido ao baixo custo proporcionado pelo subsídio.

MARSARO — Outra pergunta, dr. Ottoni. O pulgão segue sendo um dos grandes inimigos da triticultura no Brasil?

OTTONI — Temos feito determinações de ver os danos que o pulgão causa e se observou que em alguns anos ele é mais importante que as doenças. Normalmente, o pulgão causa efeitos tão grandes na lavoura quanto todas as doenças em conjunto. Causam prejuízos de 30 e até 40 por cento.

EICKHOFF — O sr. falou que o trigo é muito mais barato que outros produtos como milho. O milho é um produto essencial, que ainda não está no hábito do povo. Acharia justo que o governo tomasse alguma providência. Hoje, mesmo que o povo tenha um poder aquisitivo baixo ou que ganhe pouco, vai a uma padaria, se ele vai comprar pão misturado com milho, ele acha que fica desmoralizado. Eu posso, mas eu como pão misturado, como polenta. É muito melhor. Devia-se conscientizar o povo com a retirada do subsídio do trigo.

HENDGES — Eu teria uma pergunta a fazer. O dr. Ottoni se referiu antes ao pulgão, mas somente à parte aérea. Há alguns dados sobre prejuízos do pulgão das raízes?

OTTONI — Atualmente a Sunab está vendendo o trigo aos moinhos na base de 99,00 o saco de sessenta quilos. Esse é o preço atual de venda. O preço do milho hoje, o saco, é bem mais elevado que isso.

Em relação ao pulgão da raiz, tem havido mais problema, mas lá na região norte, no Mato Grosso, oeste do Paraná. Aqui tem havido menos problema. Temos feito alguns ensaios e aplicado inseticidas no solo e no Mato Grosso tem-se feito aplicações em áreas que havia bastante pulgão da raiz, mas realmente não houve aumento de rendimento muito significativo. Houve diferenças de rendimento no controle do pulgão da raiz na forma como foi realizado.

Não há recomendações aqui no Rio Grande do Sul de controle do pulgão da raiz. Com o pulgão da raiz nós temos pouco trabalho. Pulgão da parte aérea nós temos bastante. Os ensaios que tivemos não deram muitas diferenças.

PARENTI — Dr. Ottoni, em relação a adubação foliar, um estudo do dr. Tomazzini, ele acha antieconômica. Minha pergunta é a seguinte: nós, usando na cobertura, seria um terço na base e dois terços no perfilhamento. Esse trabalho que a Embrapa realizou, chegou à conclusão que adubação foliar é antieconômica, foi feita análise de folha ou foi feito um estudo do uso ou não da adubação foliar, no caso seria nitrogênio na forma líquida?

OTTONI — Nós fizemos um ensaio em que nós tivemos três níveis de fertilidade. Então nós tínhamos a mesma variedade em área que não levou nenhuma adubação. Em área que levou adubação básica, que seria na base de 300 quilos numa forma comum 9-33-12 e outra que tinha essa adubação básica, mais uma adubação de cobertura.

Sobre essas parcelas se alojaram cinco adubos; foliares. Se fez com esses adubos várias aplicações e aí se mediu o rendimento. Então se observou que não houve diferenças quando se fez adubação dessas cinco formas utilizadas, nos vários estágios.

PARENTI — Hoje, devido ao grande problema pelos quais estamos passando, principalmente nos dois últimos anos, esse período geralmente é de muita chuva. Então praticamente a adubação que se coloca na base, principalmente de nitrogênio, é quase totalmente lixiviada nesse período. Acho que a cobertura deverá ser recomendada para o agricultor para os próximos anos. Acho que essa é a posição da própria Embrapa.

OTTONI — Nós achamos extremamente importante. Há alguns fatos novos que seria interessante observar. Primeiro, se observa que quando se faz um bom controle de pragas, no caso o pulgão, um bom controle de



Francisco Marsaro



João Telló

doenças, é que níveis às vezes relativamente baixos de até 30 de nitrogênio tem dado bons rendimentos. Aparentemente a planta, quando se faz um bom controle, dos pulgões e das doenças, ela tem um desenvolvimento muito bom e o agricultor deve ter esse cuidado. O agricultor normalmente não fazia aplicação de fungicida, não controlava doenças, e quando ele faz deve levar em conta o desenvolvimento da lavoura na hora da aplicação da adubação de cobertura, porque, quando bem feito o controle, a planta tem um outro tipo de desenvolvimento.

CEZIMBRA — Eu gostaria de lhe fazer mais uma pergunta. O senhor não acha que determinadas doenças do trigo vem sendo provocadas pela variação de clima?

OTTONI — As principais doenças que nós temos aqui, por exemplo, ferrugem da folha, giberela, septória, ferrugem do colmo, o desenvolvimento delas, na

maior parte, depende das condições climáticas. Tem-se feito estudos verificando os anos de maior rendimento, em relação as condições climáticas que ocorreram. O dr. Motta, que trabalha nessa parte de climatologia, verificou que os anos que têm mais altos rendimentos são aqueles anos que têm menos doenças; aqueles em que no mês de setembro, fim de agosto, temos mais sol e que tem menos umidade e menos precipitação. Então nesses anos, com bastante sol, com bastante luz e pouca umidade, as condições para o desenvolvimento, principalmente de septória, giberela, são ruins.

Essas doenças não se desenvolvem facilmente. Claro que há variações de acordo com a resistência da variedade, mas o clima condiciona o maior ou menor desenvolvimento dessas doenças. O caso da ferrugem do colmo, por exemplo, às vezes são as temperaturas mais altas e umidade que favorecem. Ferrugem

da folha também há influência de clima. Os anos em que há muita nuvem, céu coberto, com bastante umidade, são aquelas condições mais favoráveis para as doenças.

SIQUEIRA — Existem algumas lavouras em Portela onde se fará tratamento com fungicida e a semeadeira usada para plantio de soja e trigo é a mesma. O que ocorre lá é que tem faixas de trigo com final de perfilhamento, trigo emborrachado e outros iniciando o florescimento. Em que fase se faria a segunda aplicação?

OTTONI — Nessa desuniformidade, a única forma de controlar isso seria, em vez de duas aplicações, fazer maior número de aplicações. Por exemplo, fazer uma aplicação no emborrachamento e outra aplicação dez a quinze dias depois, dependendo do produto usado. E uma outra aplicação, porque, aquele trigo que estava mais atrasado vai ter uma diferença.

— Eu teria também algumas perguntas a fazer. Como é que o agricultor vê esse problema — sei que há agricultores grandes e pequenos — de diferentes tamanhos de propriedades. Como ele vê essa recomendação de plantar uma área com trigo no inverno e depois deixando essa área sem plantio durante dois anos, como é que ele vê em termos de exploração da sua propriedade. Se é possível, até que tamanho é possível, até que ponto vem sendo utilizado este ano ou não vem sendo utilizado. E também no aspecto de aplicação de fungicida, se ele vê maiores problemas quanto a aplicação de fungicidas, quais os problemas maiores que ele sente na utilização de toda essa recomendação da pesquisa.

STADLER — Já plantei menos trigo, então ficou uma área para plantar no outro ano, pois neste ano eu não plantei.

TELLÓ — Eu acho que quem tem bastante terra deveria fazer isso mesmo. O que a gente tem visto é isso mesmo. Dado que a gente não pode criar porco, a gente tem que plantar. Quem tem pouca terra, é um problema fazer essa rotação de cultura.

OTTONI — Nós entendemos, por exemplo, que no aspecto técnico nós temos que usar, no caso do trigo, no mínimo, cada terceiro ano, fazer o plantio na mesma área. Nós achamos que há uma série de opções. Achamos que é preferível o sujeito colher bem um terço de sua propriedade do que colher mal toda ela.



Edmundo Stadler

Plantador de milho!

Até a 1ª capina você já perdeu mais de 10 sacos de sua produção por hectare...

- As ervas daninhas concorrem com o milho principalmente nos trinta primeiros dias da cultura (*)
- Em períodos muito chuvosos torna-se impossível a entrada das máquinas na lavoura, atrasando consideravelmente a 1.ª capina.

...e depois da 1ª capina você poderá perder ainda mais!

- As capinas mecânicas provocam sérios danos no sistema radicular do milho.
- As ervas daninhas que sobrevivem nas linhas continuarão competindo com a cultura.
- Os repasses voltarão a danificar as raízes do milho.

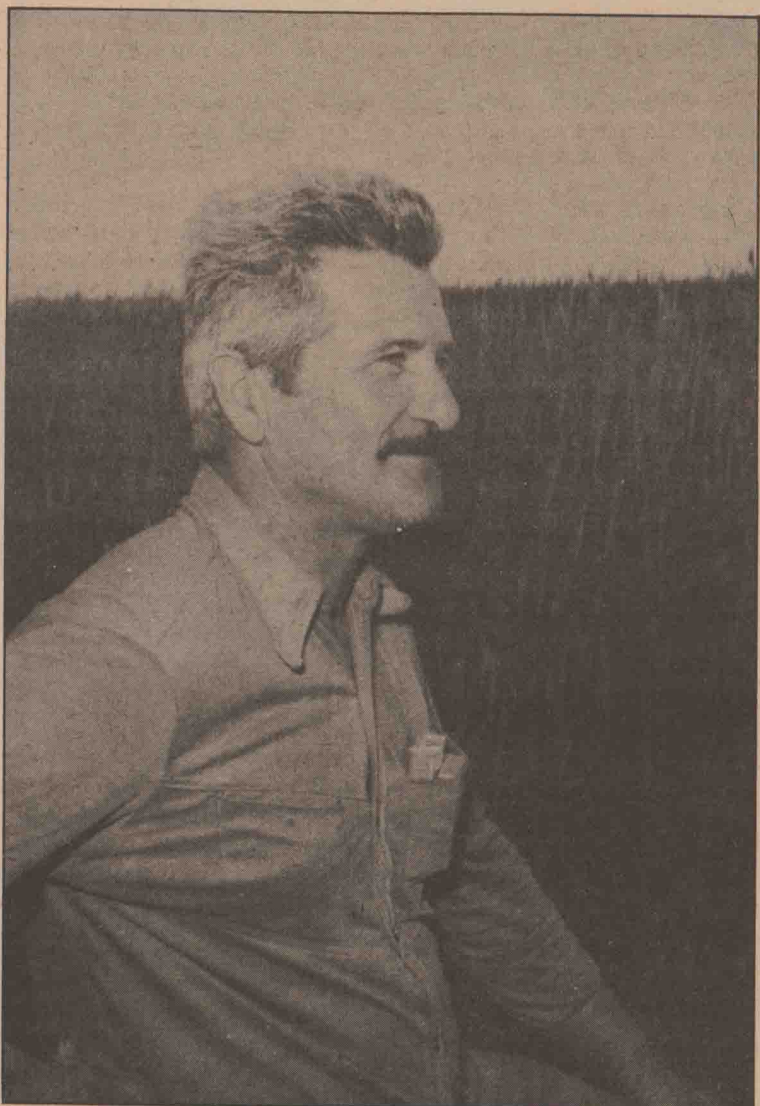
Primextra

Herbicida para milho que elimina a 1.ª capina e todos os repasses do milho.



CIBA-GEIGY
Telefone 41-1166
Porto Alegre

(*) Estudo sobre a competição das plantas daninhas na cultura do milho (Zea mays L.). Determinação do período de competição. Arq. Inst. Bot., São Paulo, 43 (3/4): 105-114, Jul./Dez., 1976 Artigo 19 de autoria dos Engenheiros Agrônomos H. García Blanco, J. B. M. Araújo e D. A. Oliveira.



Antonio Primo

DIRETOR DA CTRIN ANALISA A ECONOMIA DE ESCALA NO TRIGO

O diretor do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional — CTRIN — sr. Umberto Garófalo, que se encontrava em visita a Ijuí, onde já há dois dias observava os experimentos genéticos no Centro de Treinamento Cotrijuí (CTC), participou também do debate promovido pelo COTRIJORNAL entre os técnicos da EMBRAPA e os triticultores. O sr. Umberto Garófalo analisou o comportamento do trigo nacional a nível de economia de escala. A seguir, seu pronunciamento.

GAROFÁLO — Nós vamos ter aquela fase de certeza do que se pode fazer em termos de maior ou menor escala, quer seja, seleção de áreas com melhores variedades de sementes, adequadas para as nossas diversas regiões, aqui no Estado. Eu tenho esperança que tudo isso nos traga um alento novo dentro de pouco tempo, particularmente em termos de informações para o uso dos senhores, que são produtores. Esse interesse vem em face de ocuparmos

o cargo de chefe do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional, mais conhecido por CTRIN. Nós nos preocupamos bastante com valores; há longos anos envolvidos nessa conjuntura de valores como administradores do Banco do Brasil que fomos. Evidentemente, que este assunto nos traz bastante preocupação.

O Brasil consome seis milhões de toneladas de trigo, anualmente. A nossa produção tem sido muito aquém desse volume. O ano

passado nós chegamos a dois milhões e cinquenta mil toneladas. Imaginem os senhores, que nós teremos que fazer importação de cerca de quatro milhões e 300 mil toneladas de trigo. É claro que isto custa dinheiro. Nossa produção também. Mas a grande diferença é que se nós produzimos aqui, embora a custo mais alto, os grandes beneficiados são os nossos produtores, os nossos comerciantes, enfim uma gama de pessoas que se envolvem em to-

da esta conjuntura produtiva da lavoura de trigo, a nossa infraestrutura, o uso de insumos, o uso de bens de capital, enfim é um volume financeiro muito grande em circulação. Então este seria o motivo importante de nós darmos atenção a nossa produção interna de trigo, não só o importado. Também levando em consideração a economia de divisas. Porque, embora se possa pagar hoje um pouco menos pelo trigo lá fora, ele nos custa dinheiro em dólar. A nossa balança comercial também sofre com isso. Porque esse volume de trigo consumido, se nós tivéssemos de importá-lo, nós consumiríamos quase um bilhão de dólares anualmente em termos de cotações internacionais de hoje. É fácil de se ver que não é interessante para nós. Seria muito mais negócio nós termos essa movimentação de recursos financeiros internamen-

te. Eu vou usar o seu armazém, eu vou usar o seu caminhão, eu vou lhe pagar a armazenagem, eu vou lhe pagar o frete, o senhor vai usar o seu maquinário, o senhor vai usar seu insumo na lavoura, o senhor vai adquirir maior experiência nos tratamentos culturais, o senhor vai adquirir enfim, muito mais volume de conhecimentos, vai participar de reuniões como esta, ouvindo as autoridades que ouviram hoje. Enfim, eu acho que todos nós sabemos a importância que tudo isso traz para o nosso crescimento interior. Portanto, não é o fato de nós comprarmos o produto lá fora um pouco mais barato, que em termos de economia interna vá ter o melhor negócio. O melhor negócio é produzirmos aqui internamente, mesmo a preços superiores.

Este é um fator. Outro fator é a ponderação de que

PROTEJA SEU TRIGO E SUA SAÚDE COM DIMETOATO ROGOR®

Os produtos que contêm ROGOR, o Dimetoato da Montedison, são mais econômicos porque possuem rápido poder de penetração nas folhas e ramos das plantas, dificultando que sua ação seja prejudicada pelas chuvas.

O Dimetoato é um inseticida sistêmico sobre o qual foram desenvolvidos amplos estudos, tanto nos aspectos agrônômicos

quanto nos toxicológicos, que garantem sua segurança e eficácia no combate aos inimigos naturais da lavoura.

De baixa toxicidade ao homem e aos animais de sangue quente, ele não deixa nenhum resíduo tóxico nos tecidos das plantas quando observado o intervalo recomendado entre a última aplicação e a colheita.

ROGOR, o Dimetoato da

Montedison, é usado internacionalmente em culturas de baixa, média e alta produtividade, com ótimos resultados para as plantações, sem prejudicar a saúde do agricultor.

Proteja seu trigo e sua saúde com Dimetoato ROGOR, encontrado nos seguintes produtos:

Perfekthion (BASF)
Biagro 50 (Biagro)
Dimetoato (Herbitécnica)



Para maiores esclarecimentos, consulte a Montedison ou o Departamento Técnico de sua cooperativa.

MONTEDISON DO BRASIL LTDA Divisão Agrícola

Av. República do Líbano, 1.921 - São Paulo - SP - Tels. 70-4016 - 549-9333 - Telex 011-22731

AGRICULTOR: Observe sempre o intervalo recomendado entre a última aplicação dos produtos químicos e a colheita de sua lavoura.



é uma satisfação de termos a nossa produção própria. O trigo é um produto nosso. Então, o pão, a massa, o biscoito, a bolacha. Ora, se tivermos de consumir toda essa gama de produtos com trigo importado, então seria preferível encontrarmos outras opções de produção para o nosso sustento interno. Vem daí o grande elogio que eu faço pelo que pude apreciar ontem e hoje também do que vem se propondo esta cooperativa, a COTRIJUI. Realmente, o que nós vimos ontem é simplesmente notável. Nós vimos aqui uma gama de diversificação de opções ao produtor para que procurem um caminho não isolado em termos de produção, em termos de sua atividade rural. As opções que hoje vem sendo dadas ao produtor são opções que eu reputo altamente válidas. Eu acho que esta é a nossa linha e isso é o que nós temos de procurar. Nós temos que diversificar a produção.

Quanto a subsídios, realmente a lavoura de trigo, ela é bem atendida, é bem amparada em termos de assistência, de assistência técnica e financeira. Nós, hoje, temos um preço para o trigo, que não é um preço mínimo, mas é um preço de comércio, de 249,00 para o trigo normal, específico 78. Ele pode até chegar a 255, dependendo da sua qualidade, como também pode custar um pouco menos.

Foi dito aqui por quanto nós vendíamos este trigo. É bom esclarecer que quando nós compramos es-

se trigo por 249,00, nós compramos praticamente, por força de expressão, dentro da lavoura. Eu quero acreditar que em termos de comparação com qualquer outros produtos de comercialização dentro do território nacional, isso equivale um tanto a mais, porque um produto que é comprado à vista, ele representa até 10% mais do que qualquer outro tipo de produto. Mas o trigo não custa só isso para o governo. Nós temos que guardá-lo, armazená-lo em local estratégico em todo o território nacional, não é só no Rio Grande do Sul. Esse trigo é trabalhado por toda a indústria moageira brasileira, espalhada por todo o território nacional.

Então os senhores podem ver a gama de trabalho que isso acarreta. O trigo aqui de Ijuí nós temos que tirá-lo de caminhão e pela viação férrea, parte para Porto Alegre, para a indústria moageira, parte para Santa Catarina, parte para o interior do Estado, parte para o porto, quando há excedente de produção.

Então não é só o preço que nós pagamos aos senhores. Nós temos 14% de ICM que o Estado ganha com a produção, porque o Estado recebe 14% de ICM sobre o preço que a CTRIN paga ao produtor. Só aí são 14% sobre 249,00. Essa despesa toda eu acho que todos os senhores têm exatamente a noção do que custa. Esse trigo não é consumido num dia. Ele às vezes é guardado por um ano inteiro em conservação.

Realmente, o subsídio é bastante grande. Mas eu não gostaria de misturar o volume de subsídios com o esquema de circulação. O fato de termos um subsídio maior ou menor não interfere com este sistema de circulação de produto.

Nós sabemos que não foi possível realizar, por motivos políticos e financeiros de interesses de nossa política global. Eu acho que não é pecado do governo dar um subsídio menor ou maior para o trigo, porquanto o grande beneficiado com isso é o povo brasileiro. O povo talvez esteja pagando 25% apenas do custo do pão. É evidente que os senhores não são prejudicados. Não há interferência nenhuma com o produtor de trigo. Eu tenho ouvido muitas críticas ao subsídio do trigo. Esse não é um problema nosso ou do produtor, mas é um problema do Ministro da Fazenda. É um problema das contas que ele faz, das contas globais que ele tem. Já tenho ouvido falar do baixo custo do grão do trigo para a indústria moageira. Ele tem sido até, em algumas oportunidades, usado para ração devido ao seu baixo custo. Bom, aí eu acho grave. Eu acho grave por que é uma injustiça, um verdadeiro crime. Se o governo gasta essa montanha de dinheiro para propiciar aos seus filhos um pão mais barato ou uma bolacha, os senhores imaginam estarmos pegando esse produto e estarmos dando aos animais. Eu não tenho conhecimento direto de que isto tenha acontecido, mas tenho re-



Amir Prates e Umberto Garófalo, com o diretor técnico da COTRIJUI.

cebido informação neste sentido. Mas se isto estiver acontecendo, evidentemente alguma providência tem que ser tomada.

Enfim a produção de trigo no Brasil, a retrospectiva da produção de trigo no Brasil, ela já sofreu tantas críticas, já sofreu tantos obstáculos e nós estávamos no ano de 1978, com o trabalho de todos nós, com o trabalho da pesquisa, com o trabalho dos técnicos e com o trabalho que as grandes cooperativas vêm realizando, tentando superar as dificuldades que tem se apresentado ao longo de todo esse período. O trabalho que a Embrapa vem realizando neste ano é um traba-

lho notável e não só este ano. Quem sabe se daí sai uma solução que nos propicie o volume de produção mais adequado em relação ao nosso consumo. De fato, é isso que nós todos desejamos. Os senhores, como produtores e técnicos agrícolas, também têm a sua parcela de responsabilidade. Acho que todos nós temos que dar um pouco para obtermos, enfim, o que todos desejamos. Não vamos falar em autosuficiência em trigo. Vamos falar em luta, vamos falar em produção. Se não for possível superar essas dificuldades, vamos partir para outra. Este Brasil é muito grande. Tem dimensões continentais.

Mais que um grupo, um ideal.



VAMOS EVITAR NOVAS CÁRIES

*Dr. Edu Carlan

Voltamos ao nosso "papo" com vocês, procurando orientar no sentido de como devemos proceder para evitar o aparecimento de cáries. Todos os dentes da primeira dentição, chamada de "dentes de leite", como os dentes da segunda dentição ou permanentes, estão sujeitos a cárie. Existem outras doenças que atingem a gengiva e demais tecidos da boca, mas a que mais preocupa, pelo caráter altamente destruidor dos dentes e pelo índice elevado de incidência, é a cárie. Por estas razões é que devemos nos preocupar desde a mais tenra idade e pelo resto da vida, no sentido de evitar que nossos dentes sejam atacados e destruídos pela mesma. Por isto também devemos nos valer de todos os elementos disponíveis ao nosso alcance para atingir aquele fim. Quando disse que todos os dentes estão sujeitos a serem atacados pela cárie, quis dizer que tanto aqueles que já sofreram tratamento como aqueles que ainda não tiverem sido atacados estão sujeitos a isto. A cárie é uma doença que tem início de fora para dentro do dente. Logo, toda a superfície do dente e de qualquer dente e em qualquer idade, está sujeita ao ataque. Mesmo aqueles dentes que foram tratados os canais, isto é, dos quais foi extraído a polpa (nervo) e devidamente obturados, podem ser atacados por nova cárie, embora não apresente mais o sintoma da dor.

Este é um fato que deve ser levado em consideração, pois é muito comum as pessoas não se preocuparem em tratar o dente que não está doendo ou o fazem muito tardiamente, quando não há mais condições de aproveitamento dos mesmos.

A cárie, destruição dos tecidos que formam o dente, começa pelo ataque da primeira camada do mesmo, por microrganismos que estão presentes na saliva de todas as pessoas. Estes microrganismos se aglutinam e formam uma película aderida aos dentes, principalmente naqueles locais onde é mais difícil a limpeza. Esta película denomina-se "placas bacteriana" e tem consistência de gelatina, cor esbranquiçada e é fortemente aderida aos dentes, o que dificulta a remoção. A capacidade de reprodução da mesma é muito grande e se acentua após as refeições. Por estas razões é que, se quisermos de fato evitar o aparecimento de cáries devemos proceder corretamente a limpeza de todos os dentes, de toda a superfície dos mesmos, principalmente depois das refeições. Para isto devemos utilizar o palito, o fio dental ou mesmo um pedaço de fio de linha de costura e uma escova para dentes. A pasta de dente ou creme dentífrico é dispensável, pois o que remove, de fato, a placa causadora de cáries é o uso correto do palito, do fio e da escova.

Como devemos proceder para termos certeza de que nossa higiene é completa? Após o café da manhã, após o almoço e após a janta e mesmo antes de deitar, utilizamos primeiro o palito para fazer a limpeza entre os dentes. Para isto devemos introduzir a ponta do palito bem junto a gengiva, fazendo movimentos de vai-e-vem, duas ou três vezes para cada espaço. Após isto apanhamos um pedaço de fio de aproximadamente 40 centímetros, enrolamos uma ponta no indicador da mão esquerda e a outra no mesmo dedo da mão direita e com o auxílio dos dedos médios e polegar procuramos introduzir o fio bem tenso nos espaços entre os dentes, com movimentos deslizando nas paredes dos dentes que formam o espaço visado. A escova com pasta ou sem a mesma, deve ser usada de maneira que atinja primeiro o lado externo (vestibular), depois o interno (por baixo da língua ou pelo palato) e após em cima das superfícies mastigatórias dos dentes, primeiro de uma arcada, digamos dos dentes de baixo (mandíbula). Depois fazer o mesmo com os dentes de cima (maxilar superior). A seguir deve-se fazer bochechos bem enérgicos com água limpa e abundante. Devemos evitar alimentos fora do horário normal das refeições, principalmente guloseimas contendo massas e açúcares, pois, além de nestes momentos estarmos impossibilitados de fazer uma higiene correta aqueles alimentos oferecem as melhores condições para a proliferação da "placa microbiana".

*Edu Carlan é odontólogo em Ijuí.

O CIGARRO, UM CÂNCER SOCIAL

Segundo as mais destacadas autoridades médicas do mundo, o cigarro não só é ativo agente causador do câncer em seu sentido real, mas deve também ser considerado câncer no sentido figurado do social e econômico.

Segundo uma pesquisa divulgada agora pela Organização Mundial da Saúde, por sugestões da Associação Norte Americana de Combate ao Câncer e pela União Internacional Contra o Câncer,

os fumantes gastam o equivalente a um trilhão e 770 bilhões de cruzeiros por ano em cigarros. Notem, essa soma fantástica é consumida apenas com cigarros. Naturalmente não estão computados aí outros prejuízos motivados pelo cigarro, como, por exemplo, os incêndios e os enormes gastos pelos fumantes com medicina e medicamentos para curar doenças provocadas pelo cigarro.

É fácil constatar que se

fosse possível contabilizar todas as despesas que a humanidade tem por consequência do fumo, talvez nem mesmo as guerras eventuais consumissem tantas riquezas como esse objetivo aparentemente inocente que os homens, e ultimamente, principalmente as mulheres, carregam nos lábios. Sem dúvida, além de provocar o câncer no sentido clínico real, o cigarro é também um câncer social.

O SAMBA DO CRIOULO DOPADO, EM REVISTA

"Por trás de todo o esquema mercantilista de assistência à saúde que existe no país, há um fenômeno no mínimo curioso. Se não escandaloso, inescrupuloso e sobretudo antiético.

Esse fenômeno chama-se indústria química-farmacêutica. Ela não é nacional, é quase que totalmente estrangeira. Foi implantada no Brasil e permanece através de subsidiárias que nem mesmo adotam para os consumidores brasileiros (doentes) a mesma ética que aplicam aos de seus países de origem".

Esse pronunciamento, verdadeiro desabafo em face de um problema nacional de

extrema gravidade, foi feito pela revista OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) em sua edição de maio-junho, sob matéria que ocupou o espaço de cinco páginas, intitulada "O samba do crioulo dopado".

Tema de excepcional atualidade, a indústria química-farmacêutica no Brasil precisa ser olhada a partir de um novo ângulo, qual seja o de segurança nacional.

A VENDA DE MEDICAMENTOS. RECOMENDAÇÃO DA SECRETARIA DA SAÚDE

A 9a. Delegacia Regional de Saúde distribuiu circular a todas as unidades sanitárias da sua jurisdição, alertando a fiscalização eficiente da Lei 991/73, que regulamenta a venda de produtos farmacêuticos. Conforme a circular, que é assinada pelo médico Ronaldo Finster, coordenador de Medicamentos e fiscal da UFEP na 9a. DRS, "de acordo com a Lei 991/73, a venda de medicamentos é de uso exclusivo das farmácias e drogarias".

 COTRIJORNAL

Um órgão de serviço da COTRIJUI.
Procure seu exemplar mensalmente nos núcleos, escolas, sedes de sindicatos e unidades da cooperativa

Agora é nossa

Trifluralina FECOTRIGO, o herbicida do agricultor



Quem cultiva uma lavoura como esta é capaz de produzir o seu próprio herbicida

Fabricado por — Indústria de Defensivos Agrícolas S/A



FATOR SOCIAL DA IMPRENSA

(Primeiro artigo de uma série)

Raul QUEVEDO

Há uma máxima de origem teológica, ou bíblica, que atribui ao homem o ser biologicamente à semelhança de Deus. E ninguém discute essa máxima. Mas se perguntarmos ao homem qual é a imagem e semelhança de Deus ele relutará em dizer que é a imagem e semelhança do homem. A recíproca deveria ser a mesma. Ocorre, porém, que esta segunda interpretação implicaria na subversão de um dogma e os dogmas não admitem discussão e não aceitam interpretação.

Há em cada cabeça uma sentença. Assim como não há dois indivíduos com semelhanças absolutamente iguais, também não existem duas cabeças que pensem da mesma maneira. Dois indivíduos nascidos dos mesmos pais e criados no mesmo ambiente, segundo os usos e costumes locais, gozando os mesmos privilégios e cumprindo os mesmos deveres, serão sempre antagônicos nas maneiras de pensar, de ver e de entender as coisas que os cercam. Serão sempre e necessariamente, antípodas mentais, senão também físicos, a despeito da irmandade genética que os gerou e colocou no mundo.

Ora, parece então que, se o homem só muito dificilmente soma em aparência com relação a seus afins, porém sem um traço igualitário absoluto e nunca se identifica em tipologia, biologia diferencial e constituição temperamental, então não devemos esperar nunca que ele se iguale por gastos, por gestos e atitudes. Uma dignose no homem mostrará que habita nele, em harmonia aparente, porém numa eterna revolução interior, todo um gigantesco exército de contrários.

Por temperamento, por formação, meio ambiente, necessidades, excessos, complexos, aspirações, tendências, instintos, principalmente o de conservação, origem, evolução ou estagnação na escala social, o homem não somente se diferencia em relação ao seu semelhante como se distancia em face de si mesmo, a cada novo dia. Mas se o homem é um conjunto de surpresas em relação a si mesmo, conforme o dia em que venha a ser analisado, pergunta-se como nós iremos encará-lo, interpretá-lo, entendê-lo, assimilá-lo,

orientá-lo? Se concordarmos que é o homem uma tremenda incógnita em relação a si próprio, é evidente que, e por extensão, devemos concordar também que são necessários cuidados especiais na maneira de encará-lo e abordá-lo.

Esse palavreado todo, o conteúdo do que foi dito até aqui, pode ser abandonado, até mesmo esquecido, a partir daqui. De tudo o que foi dito fique apenas uma palavra: abordá-lo. Sim! Essa abordagem implica num outro vocábulo de real expressão nos tempos presentes: COMUNICAÇÃO.

Parece evidente, salta aos olhos, que começaremos agora a enfrentar problemas diversos, talvez impossíveis de serem contornados, vencidos. Comunicar o quê, para que, para quem e por que? Se perguntássemos agora aos leitores, mas a cada um em particular, o que comunicar, quantas opiniões teríamos? E não se discuta a procedência, o bom gosto da opinião de cada um. Já vimos que habita no homem um exército de contrários. Estas criaturas, fantásticas criaturas, como uma civilização de gnomos que todos acreditamos que existam mas que não os vemos porque são invisíveis, estão imóveis, em harmonia, dentro de nosso cérebro e organismo. A primeira motivação do ego do indivíduo, ao primeiro impulso de um fato novo, inusitado, elas se agitam. A impressão que se teria, se pudéssemos ver essas "criaturas", seria a mesma quando se abre um formigueiro. As formiguinhas, antes calmas e pacíficas, dedicadas ao seu dia-a-dia, quando se lhes arranca um pedaço de ninho passam a agir desordenadamente como se impulsivadas por um vulcão em ebulição. Assim é o cérebro do homem. As necessidades, os excessos, os complexos, as aspirações, tendências e instintos de que falamos antes, passam a agir alucinadamente.

Então, o que comunicar a tão heterogêneo grupo de, já não podemos dizer de indivíduos, mas de gostos e tendências que habitam num mesmo indivíduo? Daí o não devermos, sob pena de grandes danos a própria Comunicação, estabelecer conceitos de cultura em pará-

metros estanques. Ora, e se não devemos persistir, dia após dia, com a mesma mensagem para um mesmo indivíduo, o que dizer então da mensagem a grupo de indivíduos ou a uma comunidade inteira? Aí, nos parece, reside toda a ciência da Comunicação.

Não se deve nunca fugir da realidade de que tão importante quanto a boa comunicação é saber se o sujeito da comunicação deseja ser comunicado. Se ele está aberto à mensagem. Alguns teóricos de Comunicação de Massa, sem dúvida, esquecendo a heterogenidade da massa, defendem uma linha de pensamento única para alcançar essa massa. Imbuídos talvez da herança cultural que ficou dos tempos do melioral e da cafiaspirina, eles pensam que a persistência da mensagem é elemento suficiente para que se faça assimilada, deglutida, interpretada.

Hão de convir os leitores que nos áureos tempos do melioral, nem todos ingeriam a droga. As vendas do produto eram grandes, talvez até mesmo fantásticas, considerando-se sua qualidade. Mesmo assim, estava muito distante de alcançar a toda a população (ainda bem). O fabricante, porém, tentava atingir o máximo possível de pessoas. Então, a mensagem era repetida até a exaustão pelas rádio-emissoras deste país. (Melioral, melioral. É melhor e não faz mal. Quer dizer que os outros eram inferiores e faziam mal?).

Bem. Quanto ao comunicador, este não pode, sob qualquer hipótese, imitar tais processos. O comunicador profissional, o verdadeiro comunicador, começa por respeitar o seu público. "Matou por causa de um cruzeiro"! Não! ninguém mata por causa de um cruzeiro. Arriscaria dizer que ninguém mata por nenhum valor monetário. As consequências precedentes ou procedentes é que determinam os atos que muitas vezes geram as tragédias. Então o jornal, evidentemente sensacionalista, estampa a manchete: Matou por causa de um cruzeiro. Façamos breve análise das consequências dessa comunicação. Estampando uma inverdade do tamanho de manchete, isto é, que recebeu tratamento de destaque, o jornal estará demonstrando toda uma escala de tendências. Seus princípios, o sensacionalismo; seus meios, ações subalternas, seus fins, a mentira. É claro, não devemos dizer, generalizando, que um jornal sensacionalista sempre esteja mentindo. Não. Ele até pode dizer muitas verdades. Mas estas verdades serão já consequências de ações ou atos precedentes. O jornal sensacionalista pode ser identificado na máxima de conhecido apresentador de televisão que insistia em dizer que não estava interessado em explicar, mas em complicar. Esse tipo ou estilo de comunicação é muito vinculado à Po-

lícia. As ações rotineiras desta, as vezes simples batidas policiais em zonas marginais são divulgadas com aparatosos efeitos. Nesses casos, as vezes os números unitários são elevados para a dezena e a dezena multiplicada para a centena ou até o milhar, sem o menor respeito do veículo da comunicação para com o seu público. É comum que em tais jornais, modestos marginais sejam transformados, pela persistência das manchetes, em terríveis facínoras, Dillingers ou Al Capones caboclos, mas que na realidade não são mais do que infelizes transviados levados a pequenos roubos por extrema necessidade. Ao dedicar-lhes manchetes que os transforma em temíveis bandidos, verdadeiros Lampiões do asfalto, essa imprensa se presta a um triste papel que não favorece a polícia e presta um desserviço à sociedade. Vejamos porque: enquanto esse tipo de imprensa destaca o per-

seguido pela polícia como vencedor em fantásticas ações de combate e autor de consequentes fugas rocambolescas, está em verdade preocupando a opinião pública, intranquilizando o povo, por vezes até criando um estado de medo coletivo. Se para o público isso é um mal, também o é para a polícia. No geral, o perseguido que recebe destaque especial da imprensa, acaba morto em ação com a polícia. Pelo menos é a versão que essa imprensa transmite à opinião pública. Mas será verdade?

Quando a imprensa sensacionalista do estilo policialesco persiste nessa versão, está preparando o futuro desse perseguido. Não houvesse uma imprensa sensacionalista e dificilmente teríamos os Esquadrões da Morte, que no período 1968-74, principalmente no eixo Rio-São Paulo, frustrando totalmente a Justiça, na lei do olho por olho, dente por dente, num hediondo festival de sangue, executou centenas de marginais. Podiam? Deviam? Esses crimes estão impunes. Para que um grupo de policiais chegasse a esse grau de conscientização da impunidade, até que ponto colaboraram os jornais foliculários de linha sensacionalista?

Nos parece ser fácil constatar então, que nem um João dos Anzóis qualquer matou por um cruzeiro e nem os facínoras que intranquilizam as noites das pessoas pacifistas e honestas nas cidades grandes, sejam valentes. Em ambos os casos, a imprensa estará iludindo a opinião pública. E iludir a opinião pública não deve, em nenhuma circunstância, ser a missão do comunicador. Quanto ao jornal, jornal verdadeiramente digno desta qualificação, ele precisa ter sempre presente o fator social que representa perante a sua comunidade específica e de modo geral, em face do universo da opinião pública em geral.

Na próxima edição, a importância da imprensa cooperativista.

A IMPORTÂNCIA DO MEL NA ALIMENTAÇÃO HUMANA

*Pedro Kollas.

Desde a mais remota antiguidade o homem utiliza o mel como alimento. Durante milhares de anos não conheceu outra substância de igual valor. As propriedades nutritivas do mel patenteiam-se nos organismos por ser ele produtor de energia para a atividade muscular. Seu valor alimentício reside principalmente na alta percentagem da ex-latose, diretamente assimilável pelo organismo, ao contrário de outros açúcares que necessitam de prévia transformação para se incorporarem às células onde são queimados e convertidos em calorias. Como o açúcar, para alimento reparador, seu valor é pequeno, pois contém baixa percentagem de proteína. Segundo revelam as mais recentes análises, na composição do mel entram 3,7% de matérias minerais; sais de cálcio e fósforo, o que é de grande importância para nós, visto que os solos brasileiros são, em geral, pobres dessas substâncias. É também uma fonte de vitaminas, entre as quais figuram a tiamina e riboflavina, além de outras.

Com o desenvolvimento que vem tendo a apicultura em nosso país, também vai se desenvolvendo simultaneamente o uso do mel de abelhas como alimento. Estamos, porém, muito longe do ponto que poderemos atingir, não só na produção como na utilização do precioso mel.

Quanto à produção, basta lançarmos uma vista para as enormes extensões de terrenos mais ou menos férteis, cobertos de vegetação a mais variada, como sejam, as matas, as capoeiras e as pastagens abandonadas, para avaliarmos a enorme quantidade de mel que se perdem em nossas florestas, por falta de apicultura racional, capaz de recolher o néctar das flores e transformá-lo no precioso mel de abelhas. Em nosso país o açúcar comum da cana é vantajosamente substituído pelo mel de abelhas, não só no preparo de muitos doces, como também na fabricação de bebidas, fermentadas ou não. Principalmente nas zonas rurais onde o açúcar refinado é de aquisição relativamente difícil, seria interessante o uso do mel de abelhas, como ocorre em diversos países mais adiantados.

O mel, quando puro, é perfeitamente maduro, não fermenta espontaneamente. Pode ser guardado durante muitos anos, principalmente cristalizado. Entre nós, o mel cristalizado é ainda erroneamente recusado, quando na verdade somente o mel muito bom é que se cristaliza, sendo o fenômeno indicio da alta qualidade do produto.

Nos países desenvolvidos os produtores de mel fazem a "cultura" do mel de fina cristalização, o mais procurado. Para isso escolhem os lotes de mel de granulação mais fina e mergulham neles diversos fios de barbante de algodão, que são depois levados para os lotes de mel ainda não cristalizados "inoculando culturas" dos cristais finos de mel.

APICULTURA COMO FONTE DE RENDA

Dentre as indústrias rurais a apicultura é a que propicia a mais rápida amortização do capital, principalmente porque em geral constitui atividade subsidiária. Havendo mercado franco, já nos primeiros anos ficam cobertas todas as despesas de instalação. Para os produtos apícolas não há o receio de superprodução, pois vários países solicitam insistentemente o nosso mel.

Quanto a cera, o próprio mercado interno está longe de ser atendido, se bem que seja preferível do ponto de vista comercial exportar o mel e importar a cera, visto que as abelhas consomem de 12,5 a 20 quilos de mel na elaboração de cada quilo de cera. Ora, sendo os preços médios nos apiários de Cr\$ 35,00 para o quilo de mel e Cr\$ 80,00 para o quilo de cera, é fácil compreender a vantagem de não se produzir cera senão como um mal necessário.

O Brasil tem poucas regiões em que não seja economicamente recomendável a apicultura. Os Estados do sul já produzem em quantidade apreciável, mas pode ser aumentado e melhorado, sob orientação mais racional. É uma das atividades rurais que se amoldam perfeitamente ao sistema atual cooperativista.

Reuniões da AAI

Continuam as reuniões da diretoria da Associação de Apicultores de Ijuí às últimas sexta-feiras de cada mês, à noite. O endereço é rua Mato, 214, esquina Dr. Pestana, na casa do sr. Afonso Haas, presidente da AAI. Todos os apicultores devem comparecer às reuniões da AAI, pois sempre se aprende alguma coisa.

*Pedro Kollas é secretário da AAI.

MASSACRE BIOLÓGICO AMEAÇA A TERRA

Estudo feito pelo "Worldwatch Institute" e divulgado em Washington, revelou que o mundo enfrentará um massacre biológico nas próximas décadas, que poderá modificar de uma vez por todas o tipo de vida na face da Terra. Enfatizou o estudo, que

se as atuais tendências de desenvolvimento persistirem, centenas, de milhares de plantas e animais, principalmente das regiões tropicais, desaparecerão no final do século.

Sem dúvida, se isso acontecer, o empobrecimento biológico, em larga esca-

la, previsto para as próximas décadas, mudará o tipo de vida no Planeta de uma vez por todas. Diz o estudo do "Worldwatch Institute" que a "fábrica da vida" não sofrerá apenas um pequeno corte; suas partes serão definitivamente despedaçadas.

ECOLOGIA É A GUERRA LIMPA

A Rádio Universidade de Santa Maria, engrandecendo a instituição que a mantém, comemorou em julho o primeiro aniversário do programa "Antes que a natureza morra". O programa, que é produzido e apresentado pelo professor

James Pizarro, apresentado aos sábados pela referida emissora, é o primeiro programa ecológico da radiofonia brasileira, conforme reconhecem a Rádio MEC e a RADIOBRÁS, ambas do Ministério da Educação e Cultura.

O lema do programa da eficiente Rádio Universidade de Santa Maria, que leva cultura e entretenimento de alto nível ao seu público, é "A ecologia é a única guerra limpa deste final sombrio do século XX".

CINCO ANOS DE COTRIJORNAL

No dia 20 de julho o COTRIJORNAL completou cinco anos de circulação. Conforme ocorre desde a edição de seu lançamento, em julho de 1973, não se fez qualquer alusão ao fato, apesar de termos plena consciência de sua real importância e significação. E apesar de nosso silêncio a respeito do fato, há aqueles que não esquecem a data de nascimento de nosso jornal, o que em muito nos envaidece. No espaço a seguir registramos algumas correspondências, destacando-se a do governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli; do secretário da Educação e Cultura e o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

GOVERNADOR DO ESTADO

Senhor Editor: Apraz-me cumprimentar direção, redatores e funcionários desse jornal pelo transcurso do seu quinto aniversário de fundação. Cordialmente. Sinval Guazzelli, governador do Estado.

SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

Senhor Diretor: Quando o COTRIJORNAL comemora mais um aniversário de fundação, envio cumprimentos a todos que vem colaborando para que esse informativo continue sendo um eficiente veículo de comunicação. Atenciosamente, Plácido Steffen, secretário de Educação e Cultura.

MUSEU HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA

Colega Raul Quevedo; prezado diretor: Na data em que o COTRIJORNAL ingressa em mais um ano de existência, queira V. Sa. bem como os demais funcionários do jornal e da COTRIJORNAL, aceitar as sinceras con-

gratulações da direção do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, com votos que esse conceituado órgão da imprensa possa continuar sendo o porta-voz do povo cooperativista. Cordialmente, Ligia Maria Peres Tricot, diretora.

PROJETO RONDON

Senhor Editor: Na data em que o COTRIJORNAL completa mais um ano de atividades, em nome da Fundação Projeto Rondon/RS, envio cumprimentos à sua diretoria e demais funcionários. Renovo votos a esse importante veículo de comunicação social no sentido de que atinja cada vez mais suas metas de progresso. Atenciosamente, Luiz Carlos Gomes Serpa, diretor-executivo no Rio Grande do Sul.

VICE-GOVERNADOR

Senhor Diretor: Pelo transcurso de mais um ano de fundação do COTRIJORNAL, tenho a satisfação de augurar votos de plenas realizações a esse órgão no campo do jornalismo. José

Augusto Amaral de Souza, vice-governador do Estado.

JAIR SOARES

Ilmo. Sr. Diretor: À ocasião do transcurso da data comemorativa à fundação do COTRIJORNAL, venho apresentar-lhe meus cumprimentos. Jair Soares.

VICTOR FACCIONI

Prezado Editor: Cumprimento o COTRIJORNAL pelo transcurso de mais um aniversário de fundação. Victor Faccioni.

CLAUDIO STRASSBURGER

Ilmo. Sr. Raul Quevedo: Sirvo-me da presente com a finalidade de expressar a vossa senhoria e demais profissionais do quadro de redatores e funcionários do COTRIJORNAL, os meus sinceros cumprimentos pela passagem do 5º aniversário desse conceituado veículo de comunicação.

Apresentando um cordial abraço e votos de crescente sucesso em suas atividades, subscrevo-me atenciosamente. Cláudio Ennio Strassburger.

BILHETES

Luís Fernando VERÍSSIMO

"Isto é um assalto. Não faça nenhum ruído e nenhum movimento suspeito. Tenho uma arma no bolso e não exitarei em usá-la, mesmo que tenha que sair deste banco a tiros. E você será o primeiro atinjido. Passe todo o dinheiro, rápido".

"Calma, por favor. Passarei o dinheiro. Mas antes, algumas observações. Não se escreve "exitarei". É "hesitarei". E é "atingido", não "atinjido". Você tem mesmo uma arma?"

"Que história é esta? Não estou aqui para brincadeiras. Passe o dinheiro e ligeiro. Se você duvida que eu tenho uma arma no bolso, experimente dar o alarme".

"É "ligeiro", não "ligerio". "Alarme" também é usado, mas o correto é "alarme". Não duvido que você tenha uma arma no bolso mas... Está acabando o papel. Vou pegar outro para continuar".

"Pronto. Você já pensou bem no que está fazendo? Olhe que ainda há tempo para reconsiderar. Pense bem. Reflita. O caminho do crime só leva a perdição".

"Estou perdendo é a paciência! Você parece que quer levar um tiro. O dinheiro depressa. Não aceito mais este papel de volta. Estou pedindo pela última vez com educação".

"Estou vendo que você não é um assaltante qualquer. É sensato. Apesar de um ou outro erro de grafia, escreve bem, com coerência e uma boa estrutura. O estilo — frases curtas, incisivas — é moderno. Peço, mais uma vez, que você reconsidere. Se virar as costas e sair do banco, prometo que não darei o alarme. Podemos até nos encontrar mais tarde para discutir o seu português, ou a sua vida. Estou tentando ajudá-lo".

"Se você quer me ajudar, passe todo o dinheiro. Não posso esperar mais. Já tem gente atrás de mim, na fila. Estão desconfiando. Pode haver um banho de sangue, e você será responsável, além de morto. O dinheiro. O dinheiro!"

"A palavra "atrás" não existe. Você quis dizer "atrás". Talvez tenha sido falta de atenção, ou nervosismo, mas os erros se repetem em demasia".

"Arrogância intelectual! Se cometo alguns erros é porque não tive as mesmas oportunidades que você teve para se educar. Tive que lutar pela vida. E se você é tão bom, porque não é o gerente do banco em vez de estar aí, atrás, ou atrás, do guixê? Hein? Hein?"

"Em primeiro lugar, também tive que lutar pela vida. Fiquei órfão de pai muito cedo e precisei trabalhar desde pequeno para ajudar em casa. Estudei à noite, com muito sacrifício. Em segundo lugar, a posição de caixa é de muita responsabilidade. É verdade que eles já deviam ter me promovido mas não posso me queixar. E não tenho do que me envergonhar. Pelo menos não ando por aí assaltando bancos com bilhetes mal escritos. Em terceiro lugar, não é "guixê". É guichê".

"Está bem, desculpe. Eu sei que a vida é difícil para todos. Não quis ofender ninguém. E eu não ando por aí assaltando bancos. Este é o meu primeiro assalto. Também tenho dado duro. Não pude estudar como queria. Isso não é razão para você cassar o meu Português".

"Não pude estudar. Caçoar. Não estou caçoando. É que não posso ver um erro que tenho sem corrigir. É uma compulsão minha. Aqui no banco todos fazem pouco de mim por isso. Há quatro anos trabalho aqui, com dedicação, mas só se lembram de mim para fazer piadas. Sabe como é que eles me chamam? De Professor. Não me promovem e ainda fazem pouco. Um dia ainda mostro para eles. O Professor se vingará!"

"Olha, já tem gente na fila reclamando da demora. Daqui há pouco vem alguém ver o que está acontecendo. O guarda já está nos olhando. Acho melhor ir embora".

"O certo é "daqui a pouco". Desculpe. Não ligue para a fila. Eles estão sempre reclamando. Eu sou um caixa exemplar, mas eles nunca estão satisfeitos. Não aguento mais isto aqui. Não me dão o valor devido. Eu devia era... Espere. Não vá embora".

"Olha, o melhor é esquecer tudo. Não quero mais o dinheiro. Esquece. Faz de conta que eu não estive aqui. Na verdade, eu nem estou armado. Ainda por cima, este papel está acabando. Até logo. Desculpe o encomodo".

"Peguei outra folha de papel. Não é encomodo, é incomodo. Não vá embora. Quero lhe propor um plano que me ocorreu".

"Não posso ficar. Daqui há pouco, a pouco, vem o guarda. A pessoa atrás de mim na fila está tentando ver o que nós estamos escrevendo. Já vou".

"Atrás não. Atrás! Se você for embora, eu sem o dinheiro, eu dou o alarme".

"Que negócio é esse? Dá o alarme por que? Eu não quero o dinheiro. Não estou armado. Deixe eu ir!"

"Dou ao alarme e digo que você tentou me assaltar. Tenho o seu primeiro bilhete como prova. Vamos fazer o seguinte. Eu lhe dou todo o dinheiro que tenho na caixa. Depois que você sair, eu pego mais dinheiro. Você volta daqui a meia hora e me assalta outra vez. Eu espero dez minutos e dou o alarme. A esta altura você estará longe. Nos encontraremos mais tarde e dividiremos o dinheiro".

"Isto é uma loucura! Eu não quero o dinheiro. Você vai se arriscar. Vai jogar fora a sua carreira aqui no banco. Pense bem. O caminho do crime só leva à perdição".

"Se você não levar o dinheiro, eu dou o alarme. O dinheiro ou a cadeia. Escolha".

"Como é que você sabe que eu não desaparecerei com o dinheiro?"

"Confio em você. E se você desaparecer, farei uma descrição de você tão completa que você será preso na primeira esquina. Vou passar todo o dinheiro. Ponha na sua maleta e saia do banco normalmente. Volte daqui a meia hora para pegar mais. Eu lhe direi onde nos encontraremos depois para dividir o dinheiro".

"Mas eu não tenho sacola nenhuma!"

"O que? E como é que você pretendia sair daqui com o dinheiro?"

"Pois é. Não pensei nisso. Nos bolsos, sei lá. E se você me emprestasse uma sacola?"

"Emprestasse, não emprestasse. Esquece. Vai embora que tem muita gente na fila".

"Você não vai dar o alarme?"

"Devia dar, para você aprender a não ser incompetente. Mas não vou dar. Pode ir".

"Obrigado. Adeuz"

"Adeuz, não, Adeus!"

UM FRIGORÍFICO, UM HOSPITAL

João Roberto VASCONCELOS

Meu amigo Bolinha, com seus 119 quilos, é dessas pessoas que às vezes consegue fazer a gente parar prá pensar. O gordo, com sua mania de comparar as coisas, quando abre a boca fica parecendo um desses ataques antiáereo que a gente vê no cinema. Simplesmente acaba nossa aviação de sonhos e fantasias, que sempre anda voando alto, na base do tudo-bem-graças-a-Deus. O pior de tudo é que não escapa nada das comparações do Bolinha. Ele compara livros, filmes, marcas de cigarro, governos, esquemas de futebol, mulheres e uma infinidade de coisas que eu até perdi a conta.

Claro, quando ele nasceu lá pelos idos de 1944, os métodos de contenção de família eram diferentes, senão, garanto que ao nascer ele estaria comparando a eficiência das diferentes pílulas anticoncepcionais que hoje inundam o mercado.

Um dia desses o Bola chegou no escritório, era uma segunda-feira. Foi logo comparando as atuações da dupla Gre-Nal no domingo.

— Olha, falei, essa tua comparatite aguda ainda vai te fundir a cuca. Qualquer dia desses tu te deitas prá dormir, comparando a vida e a morte e, se dá uma zebra na tua escolha, tu simplesmente não acordas mais.

— Já fiz isso, respondeu. Fico com a vida e não abro, apesar dos contra-sensos que existem por aí.

— Que contra-sensos, perguntei? Quando vi já tinha perguntado e não adiantava me arrepender. Tinha mordido a isca das comparações.

— Já parou prá pensar nas barbaridades que existem entre um frigorífico e um hospital, perguntou o Bola, solene.

— Que hospital?

— Qualquer um e qualquer frigorífico.

— Bem... no frigorífico matam animais e no hospital (...)

— Nada disso. Já entrou num hospital? Já entrou num frigorífico? A diferença é que num hospital estão baixadas as pessoas doentes, com as mais diferentes doenças. É saúde pública, concorda comigo?

Eu ainda não estava entendendo nada, mas concordei com a cabeça.

O Bola sentiu que eu estava por fora e atacou diferente:

— Acompanha o meu raciocínio, disse ele, sentando ao meu lado. Para entrar num frigorífico a gente tem que trocar a roupa. Só entra quem estiver de bota, culote, avental e capacete. Tudo esterilizado. Alguns frigoríficos exigem até que a gente tome um banho com desinfetante antes de entrar. Lá dentro existe uma equipe de fiscais que controla a gente em tudo. Tocou numa bandeja, pulou o lava-pé, tossiu ou espirrou e os homens automaticamente suspendem o abate e mandam lavar toda a indústria.

Tem mais — continuou o gordo — se uma carne cai no chão, não tem nada de tirar o lado que supostamente contaminou. Vai tudo pra graxeira. Hoje não existe mais aquelas tropas a pé, vai tudo de caminhão e depois aparece uma manchinha, vai tudo pro digestor, sem apelação.

Claro, tem coisas que estão certas. Mas no trabalho dessa equipe, simplesmente não existe meio-termo. É que nem tripa prá linguça. Tem que ser cem por cento. É fogo. Tudo em nome da saúde pública.

Agora, vamos para o hospital.

Bolinha acendeu um cigarro, descontraíu e lascou:

— Num hospital, ainda mais com essa carência de leitos, vale tudo. Num quarto está um sujeito com a perna quebrada, no outro tem uma moça com hepatite, lá adiante um tuberculoso e assim por diante. Isso sem falar no salãozinho onde mistura tudo.

No hospital, quando chega a hora da visita, entra todo mundo. Se alguém disser que durante a visita ocorre um vaivém de pessoas, se engana, porque aquilo é um vaivém de doenças.

A essa altura dos acontecimentos eu estava quieto, pensando e infelizmente tendo que concordar.

— Até na maternidade...

— Mas a maternidade fica separada.

— Fica, mas as visitas entram e pegam as crianças no colo e beijam as crianças, respiram na cara das crianças, fazem o diabo. Tudo isso vem naqueles papos que você sabe: "que coisinha mais lindinha", "é a caro do pai", "dá um sorrisinho prá tia".

Aí eu estava arrasado e o gordo continuou.

— E não adianta proibir as visitas. Se no frigorífico a gente tem que trocar a roupa cada vez que entra na sala de abate, no hospital cada muda de roupa deve durar uma semana. Tem mais. O carrinho da comida é o mesmo para todos os quartos. A bandeja dos remédios também.

Aí vocês vêm dizer que eu vivo comparando tudo, que eu não sou feliz e coisa e tal. Mas, me responda. Essa do hospital e do frigorífico, é ou não é de pensar?

Dito isso, meu amigo Bolinha foi embora, aliviado do peso transferido para mim. O pior de tudo é que à noite eu fui inventar de consultar o travesseiro sobre as diferenças entre um hospital e um frigorífico e simplesmente não dormi.

Outro dia entrei no açougue com a certeza de que levaria um produto de primeira qualidade e acabei desistindo, ao ver o açougueiro fazer o troco e cortar a carne, alternadamente, sem lavar as mãos, com a maior naturalidade do mundo, sem se importar também com algumas moscas que rodeavam o ambiente.

É CHEGADA A HORA DE TER CAPITAL PRÓPRIO

A necessidade que as cooperativas sentem de capitalizar sobre todos os produtos que comercializam para seus associados aumenta a cada ano que passa. O que fez as lideranças cooperativistas se voltarem com maior atenção para a capitalização, em parte, foram as frustrações sucessivas nas lavouras de trigo e soja, e o custo cada vez maior das despesas financeiras. No caso específico da COTRIJUI, no exercício que findou em 28 de fevereiro deste ano, os custos com juros de adiantamentos obtidos junto aos estabelecimentos de crédito, corresponderam a 20 por cento de toda a despesa no período. Como explicar então, que uma cooperativa cujo imobilizado atinja a cerca de Cr\$ 600 milhões, tenha integralizado até agora o que corresponde a apenas 10 por cento desse valor em capital, ou seja, Cr\$ 57.550.652,57?

É sabido que se a cooperativa capitalizar sobre todos os produtos entregues (além do trigo, soja, leite, carne, lã, etc), os custos baixarão porque não precisará mais de buscar dinheiro nos bancos comerciais. A curto e médio prazo, o associado terá resposta da injeção de capital dada na cooperativa, com a construção de armazéns, melhor assistência técnica, hospitais e um processo de diversificação mais dinâmico e independente. Então, acreditamos que não vale mais perguntar porque não se capitalizou até agora, mas sim se vamos ou não capitalizar para enfrentar mais solidamente o futuro. A seguir, a opinião de produtores associados e diretores da COTRIJUI, sobre a capitalização.

A PALAVRA DO ASSOCIADO



Conselheiro Alberto Sabo, Ijuí.



Angelo João Londero, Colônia Santo Antônio.

ALBERTO SABO, associado e membro efetivo do Conselho da COTRIJUI tem esse parecer sobre a proposta de capitalização. "...enfrentar melhor a concorrência (eventual), e que retornará em dobro, a curto prazo, pela boa administração que a COTRIJUI está tendo, e também em função dos altos custos do capital de giro necessário à movimentação das safras".

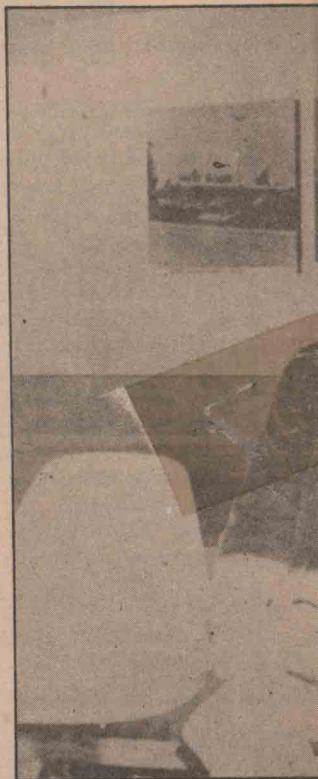
ÂNGELO JOÃO LONDERO é proprietário de 25 ha de terras na Colônia Santo Antônio, município de Ijuí. Ele diz: "Como vai está bem. O que está custando caro é a semente. Também a Unimed aumentou demais. Sou totalmente favorável à capitalização. Quero falar também que plantar só trigo e soja não dá mais. Planto milho e sorgo, e até estou fazendo dois hectares de semente de vassoura".

JOÃO VALDIR CERATTI é do Barreiro, Ijuí e tem 36 hectares em parceria com o pai. "É uma medida certa essa de capitalização. Se nós juntar forças vamos ter recursos próprios. Se não fizermos isso, a coisa vai continuar como está, ou pior". Na última safra plantou 24 hectares de soja, um pouco de milho e cria porcos.

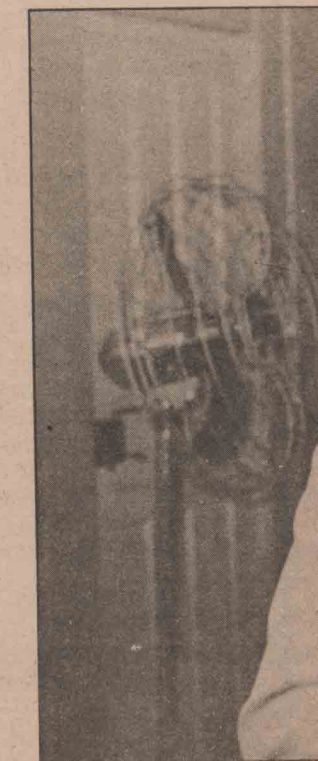
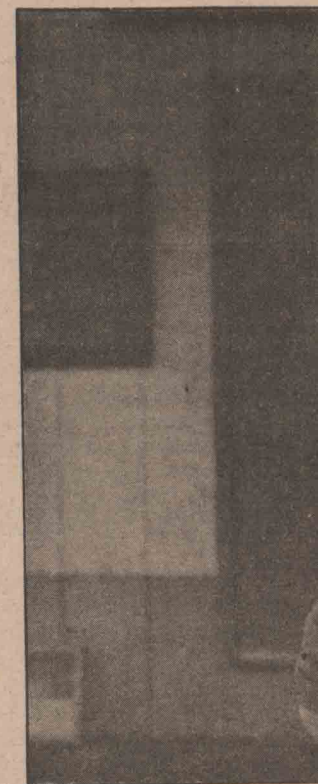
ERICH ALBERTO KETTENHUBER, 230 hectares. Passinhos-Mauá em Ijuí. "Olha, eu não participei da reunião onde se discutiu a capitalização. Mas pelo que ouvi, vou capitalizar sim. Quanto mais força a cooperativa tiver, mais amparo vamos ter também".

ALDAIR MARSARO é pequeno produtor. E por isso diversificou seus 12 hectares, produzindo leite, alguma pastagem e o resto trigo e soja. "Esse ano botei 200 sacos a preço médio, e só vinte e poucos em depósito. Acho que o próprio associado deve estar interessado na capitalização sobre a soja. O beneficiado é ele próprio. Sou favorável". A terra de Aldair está em São Miguel, Augusto Pestana.

NORBERTO VOIGT é o braço direito do pai. Juntos, trabalham 77,5 hectares próprios, mais "um oito arrendado". Dez vacas de leite, pastagens, trigo e soja constituem as atividades da família, na Ponte do Ijuizinho. Diz Norberto: "Olha, eu já vi associado reclamar da capitalização no leite. Eu acho que faltou maior esclarecimento. É que alguns não sabem o que significa isso em serviços e assistência da cooperativa. Acho que na soja vai ser ainda melhor, pelo volume de capital nosso, na nossa própria casa".



Erich Al





Norberto Kettenhuber e João Valdir Ceratti, de Mauá e Barreiro, respectivamente.



Aldair Marsaro, de São Miguel, Augusto Pestana.



Norberto Voigt, Ponte do Ijuizinho, Augusto Pestana.

COOPERATIVAS E CAPITALIZAÇÃO

Daniel Faraco

Frequentemente se fala no cooperativismo como de um sistema que se opõe ao capitalismo. Há nisso certa ufanía cooperativista — explicável pela aura de idealismo que cerca o movimento — mas há também uma imprecisão de linguagem geradora de equívocos e de erronias.

Certo é que, nas cooperativas, pela natureza destas não é a titularidade do capital social que credencia o associado, quer para o voto nas decisões sociais, quer para a partilha dos resultados. Nelas, a norma básica é a de que a cada pessoa corresponde um voto, seja qual for sua quota de capital, e as sobras se distribuem na proporção das operações realizadas.

Vale notar, entretanto, que também no chamado "capitalismo", embora em teoria seja a propriedade do capital social o título para governar a empresa e apropriar os resultados, na prática, grande parte do capital efetivamente utilizado é alheio e, além disso, a empresa é governada por profissionais — nem sempre os maiores acionistas — ao passo que só pequena parcela dos frutos é entregue aos "sócios capitalistas". O termo "capitalismo" parece inadequado, por isso, para denominar um sistema que, na realidade, se distingue mais por ser "livre empresa" do que por outros característicos. Ora, também o cooperativismo se inclui no sistema de livre empresa e mais do que qualquer outro sistema precisa desse característico para afirmar-se e prosperar. Pior, entretanto, é que o caráter não capitalista e até anti-capitalista, reclamado pelos rochdaleanos, os tem levado por vezes, entre nós, a subestimar a importância do processo de capitalização, para o bom êxito das empresas, seja qual for o regime em que funcionem. Modernamente, não se pode produzir sem empregar capital ou seja, produtos resultantes de um ciclo de produção e que, ao invés de serem aplicados no consumo direto e imediato, são destinados a produzir outros bens.

Tal como as demais empresas, as cooperativas precisam destinar capital à consecução de suas finalidades. E tal como aquelas empresas, embora possam recorrer ao capital obtido por empréstimo, necessitam de certa proporção de capital próprio para cobrir suas imobilizações e para inspirar confiança aos fornecedores e emprestadores. Quando isso não ocorre, a empresa, seja cooperativa ou não, torna-se impontual e perde a capacidade de pleitear dos outros os recursos de que carece e que não quer ou não consegue obter de seus associados.

Cumprir reconhecer, por outro lado, que não têm motivação eficaz para capitalizar a cooperativa. Subscrever e realizar quotas de capital é, evidentemente, um ônus, pois implica em retirar do consumo próprio ou de aplicações muito rentáveis, as quantias subscritas e realizadas. A remuneração de um juro fixo, sempre muito inferior à constante perda de valor da moeda, não seduz ninguém. Por tal motivo, os associados subcrevem apenas o montante mínimo que lhes é exigido para entrar e não querem saber de subscrições complementares.

A boa doutrina e a própria lei consagram o princípio de que a sociedade pode exigir que a subscrição de capital seja diretamente proporcional ao movimento financeiro do cooperado, à quantidade de produtos comercializados e à área cultivada. Na prática, porém, os associados fazem tudo para esquivar-se a essa obrigação. Quando, por exemplo, determinada percentagem do valor do produto entregue deve ser retida para integralizar quotas de capital, não hesitam em desviar sua produção da cooperativa e vendê-la ao comércio autônomo, o que leva entidades a dispensar a retenção para não deixarem de receber o produto que irão comercializar em benefício dos associados.

Parece tempo, assim, de se instituir a fórmula de, nos orçamentos de custeio dos empréstimos a juros subsidiados, incluir obrigatoriamente uma percentagem destinada à capitalização da cooperativa a que pertencer o associado.

Para evitar evasões, poder-se-ia estabelecer que no caso de empréstimos a associados não pertencentes a cooperativas, a percentagem em causa fosse levada a um fundo destinado ao crédito rural a pequenos agricultores. Os mutuários cujas percentagens fossem levadas ao fundo em apreço seriam por elas creditados e as retirariam, acrescidas dos juros de taxa idêntica à dos que tiverem pago, no prazo de três anos, por exemplo.

Como é claro, isso equivale a pedir aos associados que colaborem para a capitalização de suas cooperativas. Mas é uma capitalização em proveito deles mesmos, pois, quanto mais sólidas forem as suas associações, maiores benefícios recolherão de sua atuação. Não seria justo, aliás, que o cooperativado se julgasse no direito de usar a cooperativa e dela tudo exigir, negando-se ao mesmo tempo a apoiá-la financeiramente, em termos viáveis.

Claro também que, em contrapartida, a cooperativa deve ser de tal modo administrada que o apoio financeiro prestado dê frutos correspondentes ao ônus que impõe. Isso exige a instituição de controles mais eficazes, o que merece estudo a parte. Transcrito do "Correio do Povo".

ASSOCIADOS CHAMADOS A COMPARECER NA COTRIJUI

Devem comparecer ao Setor Social da Cotrijuí-Sede, até o dia 30 do corrente mês de agosto, os associados a seguir relacionados, munidos de suas respectivas carteiras de identidade social, afim de regularizarem sua situação perante cooperativa.

Comunicamos que caso não ocorra o comparecimento até a citada data, serão tomadas as medidas previstas no artigo 15º do Estatuto Social. O artigo 15º do Estatuto da COTRIJUI tem a seguinte redação: "Artigo 15º — Além dos motivos de direito e outros que justifiquem, o Conselho de Administração é obrigado a eliminar o associado que: b) Deixar de exercer, na área de ação da cooperativa, a atividade que lhe facultou associar-se. d) — Deixar de entregar sua produção à cooperativa, desviando-a para o comércio intermediário". É a seguinte a relação dos associados chamados:

Abilio Izaías da Silva
Achiles Henrique Copetti
Adão Lopes Pinheiro
Adão Machado
Adel Antão Vione
Adelino Antonio Gubbiani
Adelino Pletsch
Affonso Oster
Agrisino Tavares dos Santos
Albino Henrique Timm
Albino Ledermann
Albino Lutke
Albino Okassessi
Aldair Vicensi
Alexandre Bonfada
Alexandre Gonçalves de Oliveira
Alfredo Bussler
Alfredo dos Santos Teixeira
Alfredo Timm
Almir Assis Dortzbacher
Amandio Grinke
Anildo Schmitz
Antonio Alves de Alvarenga
Antonio Angelo Pizonni
Antonio Moresco
Antonio Wallazir Pires
Antonio Woiciochowski
Antonio Zaleski
Aparicio Rodrigues de Almeida
Arnaldo Graupe
Arnildo Schuh
Arnildo Storck
Aristides de Almeida
Arno Hartmann
Artur Cilon de Castro Moura
Artur Massuquini
Arthur Rohring
Atilio Mohr
Augusto Portolan Sobrinho
Augusto Wichmann

Balduino Heidecker
Balduino Pedro Jantsch
Benno Wilibald Krombauer
Bento Ignácio da Silva
Carlito Andriuguetho
Carlos Guilherme Jantsch
Celeste Reinoldo Ceratti
Ceno Bade
Colatino Goulart da Silva
Coralino Domingos Schiavo
Cyrio Emmel
Custódio Trindade
Daniel Alves da Silva
Darci Almeida
Darci Hilario Speroni
Darcy Leal da Silva
Darwil Sperandei
Dionizio Avila dos Santos
Dionizio Simi Sperandei
Djalmo Quaresma da Silva
Dorvalino José Veríssimo Jesus
Duilio Dalmas
Edgar Timm
Edio Puzen
Eduardo Tibusch
Elias Della Flora
Elmirio de Souza e Silva
Elvidio Zucolotto Brites
Emilio Antunes Dorneles
Eno Omar Rohde
Ernani Veriato dos Santos
Ervinio Frederico Dorn
Erwino Sagave
Ery Glitzenhirn
Estevão Paulitch
Estevo Alfredo Müller
Ettmar Jantsch
Eugenio Vitor Mrozinski
Eurico Torres Santos
Eva Aldina Cavalheiro
Ezequiel Contri

Fabricio de Barros Padilha
Felicio Rodrigues
Fioravante Manchini
Floravante Rodrigues Mafalda
Florêncio Padilha
Florisbal Correa Nunes
Francisco Batista dos Santos
Francisco Lopes
Francisco Rodrigues da Silva
Franklin Alves da Silva
Frederico Daronco
Fredolino Willi Kopp
Gabriel Zientarski
Garibaldi Bueno da Costa
Gentil Rieth dos Santos
Geraldino Alves de Lima
Geraldo Ferreira
Geraldo Mattioni
Germano Constante Correa
Gervazio Munaretto
Graceulino José de Lima
Guido Parobelli
Guilherme Eichkoff Filho
Guerino Picolli
Gustavo Seib e Edgar Dieck
Harri João Johann
Heitor Alves
Helmuth Kappan
Helmuth Martens
Henrique do Amarante Teixeira
Henrique Hüller
Henrique Pedro Ketzer
Ignacio Ewaldo Lindorfer
Iraci Prates da Silva
Ireno Tolfo
Irineu José Richter
Irma Rath
Irmo Antonio Canterle
Januário Gomes Rodrigues
Jardelino Verissimo
Joanin Portolan
João Antochewis
João Antonio Fogaça I
João Barbosa Oliveira
João Batista Bernardi
João Domingos Lauer
João Eli da Silva Ribeiro
João Fagundes
João Francisco de Aguiar
João Gabbi
João Londero
João Manoel Pereira
João Marinho
João Mendes Gonçalves
João Perobelli
João Pinto Alves
João Rodrigues I
João Rodrigues dos Santos
Jobilardo de Lima
Joceli da Rosa
Jorge Breitemback
José Carlos da Cunha
José Ernesto Mallmann
José Ito Ferrando
Josino Alves Rodrigues
Julio Francisco Vieira
Juvenal Lopes da Rosa
Juvencio Jacó Santos
Laurindo de Oliveira Belmonte

Levino Bonemann
Lino Francisco Spolaor
Lothario Fhur
Luiz Barriquello
Luiz Bussiol
Luiz Gadden
Luiz Gonçalves Viana
Manoel Conrado Borges
Marcelino Pedroso
Marciano Antonio da Silva
Mario José Rodrigues
Maximiliano Dias Franco
Miguel Pereira Vega
Milton Elson Bar
Nahydes Rodrigues do Amaral
Napoleão Mello de Lima
Natalino Borges Pinheiro
Natalio Marques
Nedy Rodrigues Amaral
Nelson da Silva Arbo
Nestor dos Santos Vargas
Nicomedes Correa
Nildo Kleinert
Noé Ademar Fabrin
Olinto Brezolin
Olinto Dalla Corte
Olmiro Felix da Silva
Olvidio Rodrigues de Freitas
Onofre José de Lara
Oralino Abel Sopran
Oreste Ribeiro da Silva
Orlandir Padilha da Cruz
Osmar Dellalibera
Osvaldir Tontini
Osvaldo Lissak
Otilia Schoening
Ottmar Dick
Otto Willi Koning
Pascoal Andrighetto Zangirolani
Pedro Cezar da Silva
Peri dos Santos Rosa
Plinio Oliveira da Costa
Raimundo Rodrigues dos Santos
Raimundo Rodhe
Reinaldo Fogaça dos Santos
Reinoldo Lechwetz
Rezzerini Mainardi
Ricardo Pietzarka
Rivadavia Barbosa Prates
Roberto Rick
Rodolfo Train Brendler
Sebastião dos Santos Vargas
Selvino Cechinatto
Serafim Rodrigues da Silva
Sergio Adão Pizoni
Urbano Dorneles Vargas
Ulisses Fernandes Cavalheiro
Uli Vilani
Waldemar Zimmermann dos Santos
Valdomiro Alves de Lima
Valdomiro Avozan
Valdomiro Ferreira de Freitas
Valentim Rodrigues da Costa
Valtezer Alves de Moraes
Vergilio Nardes
Waldemar Antunes Padilha
Waldemar Heberle
Waldemar Moura Reis
Waldemar Boeno da Costa
Waldemar Heberle

A CCGTEL EM FASE DINÂMICA

Em ato levado a efeito no Palácio Piratini a 28 de julho, foram assinados acordos entre a Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicação Ltda. — CCGTEL e os Bancos Central do Brasil e de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul, pelos quais os referidos estabelecimentos repassaram financiamento à Central Cooperativa, no montante de 65 milhões e 752 mil cruzeiros. O financiamento destina-se a aquisição e montagem de telefones rurais para as associadas de Ijuí, Cruz Alta, Carazinho, Panambi e Campo Real, cuja fase de operacionalidade deverá dar-se até o final do ano.

Nesta primeira fase se-

rão construídos 280 terminais telefônicos, sendo 60 para a associada COTRIJUI, 60 para Cruz Alta, 40 para Panambi, 50 para Carazinho e 70 para Campo Real. As demais cooperativas filiadas a CCGTEL são Cotrisa, Cotrimaio, Cotap, Cotribá e Cotrisoja.

O diretor-presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações, sr. Arnaldo Oscar Drews, assinou a carta de dotação, em ato que foi presidido pelo governador Sinval Guazzelli e que inclusive contou com a presença do general João Baptista Figueiredo, que se encontrava em Porto Ale-

O general João Baptista Figueiredo esteve presente ao ato e assinou como testemunha, juntamente com o governador Sinval Guazzelli.



Arnaldo Drews presidente da CCGTEL, ao falar após a assinatura dos acordos.



Memorial a Figueiredo:

ENQUADRAMENTO SINDICAL E REFORMA AGRÁRIA

Durante a estada do general João Baptista Figueiredo em Ijuí, a 29 de julho, uma comissão formada pelos srs. Carlos Karlinski, Erno Knorst e Luiz Ottoneli, presidentes respectivamente, dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, São Martinho e Ajuricaba, entregaram memorial ao general João Baptista Figueiredo, constante de itens que reivindicam a Reforma Agrária e o enquadramento sindical rural vinculado ao módulo rural. O memorial, que era assinado pelos doze sindicatos de trabalhadores rurais da região, firmado em Chiapetta com data de 28 de julho, durante reunião realizada com esse objetivo, tem a seguinte redação:

Exmo. Sr. Ministro João Baptista Figueiredo.

Os Sindicatos de Trabalhadores Rurais abaixo firmados, integrantes da FETAG — Federa-

ção dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, situados na região Noroeste do Estado, em reunião realizada na cidade de Chiapetta — RS, resolveram, aproveitando a estada de V.Exa. em Ijuí, entregarem-lhe, pessoalmente esta reivindicação, baseada nos seguintes itens:

1 — Há mais de sete anos a FETAG, entidade que congrega 227 Sindicatos de Trabalhadores Rurais, somando mais de 500 mil associados, através de Congressos Estaduais, de documentos e memoriais dirigidos às autoridades do país, inclusive ao Exmo. Sr. Presidente da República, reivindicou incansavelmente a modificação do enquadramento Sindical Rural. Nesses documentos desde dados e normas da OIT até os problemas mais comuns convividos por nós, como sermos considerados empregadores sem termos empre-

gados, foram levantados. E até hoje, só promessas de solução.

O enquadramento Sindical Rural vinculado ao Módulo Rural nos nossos dias, quando vivemos um outro tipo de agricultura (mecanização, agricultura de mercado) é totalmente descabido. O Trabalhador Rural, como o próprio nome define, é aquele que vive do trabalho de sua família, seja, 10, 15 ou 50 hectares, como é definido no programa de Assistência ao Trabalhador Rural (Pró-Rural) e da Organização Internacional do Trabalho.

2 — O enquadramento para Previdência Rural conforme alteração ocorrida pelo decreto 79.575/77, e posteriormente adotado pela Assistência Social segundo a meno-circular nº 113 do Pré-IAPAS de 31.01.78, considerou os filhos maiores de 18 anos empregados do próprio pai, e consequentemente este

sendo empregador do próprio filho. Como se vê na realidade, um verdadeiro absurdo.

Após o advento do Decreto-Lei 1.166/71 que instituiu o módulo Rural e da Circular nº 113, os pequenos agricultores passaram a ser joguetes, ora como trabalhadores rurais, ora como empregadores.

3 — Da mesma forma, há mais de 15 anos se fala em reforma agrária, até um ato complementar (nº 9) foi instituído para agilizá-la e até agora estamos esperando. Companheiros nossos são desalojados, postos na rua de uma hora para outra, sem terra, sem crédito fundiário, sem condições de produzir para si e outros. Estes três pontos, Senhor Ministro, nos angustiam e gostaríamos de um dia vê-los resolvidos. Endossamos por inteiro os documentos já elaborados pela Federação de Trabalhadores na Agricultura,

pela CONTAG — Confederação dos Trabalhadores na Agricultura do Brasil, da CNBB e dos próprios Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, gostaríamos de sermos ouvidos por V. Exa. futuro Presidente da República, a fim de evitarmos atitudes de desespero de milhares de famílias, nossos irmãos desalojados e até confinados em parques de exposição. Desejamos uma reforma agrária justa, cristã e patriótica.

Confiamos em V. Exa. e continuaremos na luta para a solução dos nossos problemas, nos propósitos de um sindicalismo autêntico e independente.

Assinado: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta, de Ijuí, Ajuricaba, São Martinho, Miraguai, Santo Augusto, Augusto Pestana, Cruz Alta, Coronel Bicaco, Redentora, Tupanciretã e Tenente Portela, todos no Rio Grande do Sul.

É DA COMPETÊNCIA DO AGRÔNOMO RECEITAR DEFENSIVO AGRÍCOLA

A Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, em ofício dirigido ao Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), encaminhou cópia de estudo jurídico elaborado por um grupo de advogados, no qual os causídicos "reconhecem a atribuição privativa do engenheiro agrônomo para receitar fertilizantes, corretivos e defensivos agrícolas".

O Parecer, que tem o nº 22/78, sob o título: "Competência constitucional dos Estados membros em estabelecer normas específicas sobre a defesa e proteção da saúde. Receituário agrícola, ato privativo do engenheiro agrônomo" é um exaustivo estudo jurídico que analisa sob os diversos ângulos o importante assunto. Para conhecimento de nossos leitores e associados, transcrevemos, na íntegra, o referido Parecer.

"A Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, em ofício de 01 do corrente, dirigido a Presidência do C.R.E.A., encaminha cópia em xerox de estudo elaborado por um grupo de advogados, no qual os mesmos, após examinarem exaustivamente toda a legislação federal e estadual sobre o controle de fabricação, venda e circulação e fiscalização de defensivos agrícolas, chegaram às seguintes conclusões:

— A concessão do registro e licenciamento dos defensivos agrícolas pelo órgão federal do Ministério da Agricultura dá a seu titular o direito subjetivo de vender o produto na forma do alvará, sem qualquer restrição por parte dos órgãos administrativos, quer federais, quer es-

taduais;

— A exigência do receituário agrícola visando restringir o uso de defensivos agrícolas com base em clorados, e dando atribuição privativa ao engenheiro agrônomo para firmá-la, é da competência constitucional da União Federal, a quem cabe legislar sobre a matéria, não podendo os Estados Membros, e muito menos outros órgãos, tais como o Banco do Brasil S.A. e a Embrater, baixar normas legais sobre a matéria;

— A legislação que regula o exercício da profissão agrônoma não outorga ao engenheiro agrônomo o direito subjetivo de emitir, como privilégio profissional, a chamada "receita agrícola", que não se enquadra nas suas atribuições profissionais privativas.

Em consequência sugere o parecer que os titulares da licença concedida, caso forem atingidos pela restrição, impetrem o remédio judicial respectivo. Daí a solicitação da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul para que este Conselho se manifeste sobre a matéria, visto que o citado parecer está sendo distribuído de mão em mão entre os interessados, causando perturbação na aplicação da exigência.

ESTUDO

O estudo da matéria abrange o aspecto constitucional da privacidade que se pretende dar a União para legislar sobre a matéria, e neste sentido o seu exame é prefacial.

Invoca-se no estudo em exame o artigo 8º da União Federal, citando-se apenas as alíneas b, c, d e e, sem transcrever qual seja a competência, que no texto é a de legislar, isto

é, baixar as normas legais sobre a matéria.

Assim é de toda a conveniência frisar que a competência da União sobre a matéria diz respeito a alínea c do art. 8º da Carta Magna, que estabelece:

"Compete a União: Art. 8º: XIII — Legislar sobre:

— normas gerais sobre orçamento; despesa e gestão patrimonial e financeira de natureza pública; de direito financeiro; de seguro e previdência social, de defesa e proteção da saúde, de regime penitenciário".

Salienta-se que a exigência do receituário agrícola tem como finalidade precípua a defesa e proteção da saúde, e quanto a esta, a competência é da União, por força do dispositivo constitucional citado.

Ora, a competência para legislar sobre as normas gerais, não exclui a competência dos Estados Membros de através de legislação complementar pró-

pria estabelecer normas específicas no que diz respeito a defesa e proteção da saúde, respeitadas as normas gerais.

Destarte, a exigência do receituário agrícola, fundamentada na defesa e proteção da saúde é uma norma complementar de competência da legislação estadual, visto com ela não conflitar, nem visar regulamentar a lei federal, mas criar no Estado Membro condições de defesa e proteção a saúde, omissas na legislação federal.

Cumpra assinalar que o Regulamento Sanitário do Estado e as diversas leis municipais contém normas sobre defesa e proteção a saúde, todas elas cumpridas e aceitas sem nenhum obstáculo constitucional de competência.

ASPECTO PROFISSIONAL

Também a competência privativa do engenheiro agrônomo em firmar a receita agrônoma emerge da legislação profissional própria.

Vejamos a Lei nº 5.194/66: "Art. 13 — Os estudos, plantas, projetos, laudos e qualquer outro trabalho de engenharia, de arquitetura e de agronomia quer público, quer particular, somente poderão ser submetidos ao julgamento das autoridades competentes e só terão valor jurídico quando seus autores forem profissionais habilitados de acordo com esta lei".

Art. 15 — São nulos de pleno direito os contratos referentes a qualquer

ramo da engenharia, arquitetura ou da agronomia, inclusive a elaboração de projeto, direção ou execução de obras quando firmados por entidade pública ou particular com pessoa física ou jurídica não legalmente habilitada a praticar a atividade nos termos desta lei".

Por outro lado, o art. 7º da mesma lei, na alínea c, inclui entre os atos privativos do profissional habilitado, o de emitir pareceres e o chamado receituário agrícola nada mais é do que um parecer técnico sobre a aplicação de determinado produto, o que é reforçado pelo art. 1º da Resolução nº 218, de 29 de junho de 1973 (Atividade 06), combinado com o art. 5º, no que diz respeito a atribuição privativa do engenheiro agrônomo sobre fertilizantes e corretivos.

CONCLUSÃO

Face o exposto, concluímos:

— Que a implantação do receituário agrícola por parte do Estado do Rio Grande do Sul, não fere a competência privativa da União Federal de legislar sobre defesa e proteção da saúde, visto tratar-se de norma especial e não geral;

— Que sendo a receita agrícola um parecer técnico sobre o uso de fertilizantes e corretivos, é da competência privativa do engenheiro agrônomo, podendo ser autuado por exercício ilegal da profissão quem firmar o atestado sem estar devidamente habilitado.

Cuide bem do seu Trator e Caminhão.

LUBRAX



Qualidade e Segurança
PETROBRAS

MD-300 MD-400

FIXADOS OS PREÇOS MINIMOS. COMPENSAM?

O Conselho Nacional de Abastecimento —CONAB— reunido a 1º do corrente, fixou os preços mínimos para 22 produtos agrícolas e para sete tipos de sementes selecionadas. Os novos preços de garantia para a safra 1978/1979 foram fixados com base em estudos feitos pela Comissão de Financiamento da Produção e apresentados pelo ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli, que presidiu a reunião. A tabela a seguir mostra o preço mínimo atual e o aprovado, as unidades de medida e percentagens de variações. O mesmo em relação a sementes.

Produto	Unidade de Medida	P.M atual	P.M. Aprovado	Percentagem de variação
Soja	60kg	112,20	150,00	33,7
Milho	60kg	78,00	108,00	38,5
Algodão	arroba	100,20	135,00	34,7
Arroz	50kg	130,00	182,00	40,0
Feijão	60kg	276,00	369,00	33,7
Amendoim	25kg	76,50	108,00	41,2
Mamona	60kg	150,00	210,00	40,0
Menta	kg	106,00	138,00	30,2
Girassol	40kg	67,20	85,20	26,8
Gergelim	60kg	133,20	165,00	23,9
Mandioca	tonelada	336,00	440,00	31,0
Sorgo	60kg	66,00	91,80	39,1
Sisal	kg	3,48	4,60	32,2
Juta/Malva	kg	5,72	7,60	32,9
Rami	kg	4,29	5,80	35,2
Cera de Carnaúba	arroba	300,00	400,00	33,3
Pó cerífero	kg	27,99	37,40	33,6
Pó cerífero	kg	13,19	17,67	34,0
Cera arenosa	kg	18,40	24,64	33,9
Guaraná	kg	50,00	63,00	26,0
Babaçu	60kg	120,00	150,00	25,0
Seda	kg	27,66	38,72	40,0
SEMENTES				
Batata	30kg	165,00	201,00	21,8
Batata	30kg	165,00	201,00	21,8
Amendoim	kg	6,90	9,10	31,9
Arroz	kg	3,35	4,80	43,3
Feijão	kg	9,54	11,50	20,6
Milho				
Variedade	kg	2,78	3,80	36,7
Milho				
Híbrido	kg	3,47	4,80	38,3
Soja	kg	3,78	4,70	24,3

PREÇOS DEVERIAM SER MELHORES SEGUNDO CÁLCULO DOS TÉCNICOS

O setor de Planejamento e Projetos do Departamento Técnico da COTRIJUI, objetivando fornecer subsídios para a fixação do preço mínimo justo aos produtores e estabelecer diretrizes para a alocação de crédito para as culturas, se dedicou exaustivamente no último mês de julho a um estudo (estimativa) do custo de produção da soja, safra 1978/79. A seguir alinhavamos algumas considerações desse trabalho, ainda que o Conselho Nacional de Abas-

tecimento já tenha fixado os novos preços mínimos. Porque consideramos que os fatores constantes do trabalho realizado pelo Departamento Técnico da COTRIJUI são inerentes a todo tipo de cálculo estimativo para fixar preços agrícolas, principalmente quando se tratar de trigo e soja. O LUCRO PREVISTO NO ESTATUTO DA TERRA Para efeito do cálculo, os técnicos Paulo Roberto da Silva e Orlando Kinalski

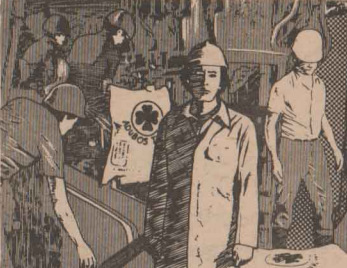
contaram com a colaboração dos demais integrantes do Departamento Técnico da Cooperativa, iniciando por incluir na sua estimativa a taxa de 30% (trinta por cento) de lucratividade, conforme determinação do Estatuto da Terra. A primeira atividade, no entanto, consistiu num levantamento de preços dos insumos básicos, necessários para a prática de uma agricultura dentro das atuais técnicas recomendadas. Dentro da realidade da

região abrangida pela COTRIJUI, o estudo considerou uma propriedade com área de 160 ha. de terra própria, sendo 150 ha. cultivados com soja e 60 ha. cultivados com trigo, em sucessão, destinando-se os 10 hectares da área a construções, aguadas e matas, além do cultivo de culturas de subsistência.

O estudo, em 33 laudas, é concluído da seguinte forma: Para cálculo do preço necessário à soja, adotada a taxa de 30% de lucratividade, estipulado sobre a soma de todos os custos, com exceção do FUNRURAL cuja taxa é de 2,5%, os técnicos apuraram um custo de Cr\$ 4.818,00 (quatro mil, oitocentos e dezoito cruzeiros) por hectare, sendo necessário atingir uma renda bruta de Cr\$. 6.425,07 (seis mil, quatrocentos e vinte e cinco cruzeiros e sete centavos) por hectare. Dividindo-se por 25 sacos, considerada a produtividade prevista a atingir, o preço necessário por saca seria de Cr\$ 257,00 (duzentos e cinquenta e sete cruzeiros), ou seja, Cr\$ 107,00 cruzeiros a mais do que o mínimo fixado pelo governo.

No caso do trigo, essa cultura teria um custo de implantação por hectare de Cr\$ 5.158,35, sendo necessário atingir uma renda bruta por hectare de Cr\$ 6.877,80. Dividida a importância por 18, quantidade de sacas a produzir por hectare, o preço da saca deveria ser de Cr\$ 382,00. Após, fixados os novos mínimos, o conhecido técnico do Ministério da Fazenda, Paulo Viana, da Comissão de Financiamento da Produção, afirmou que o agricultor terá que cobrir com recursos próprios 50% do custo da produção, "o que o forçará a buscar financiamento nos bancos privados, fora da área de crédito rural, a juros de quatro a 4,5% ao mês". Opiniões como essa são generalizadas em meio aos produtores e seus representantes, com o que se espera da área governamental um reestudo dos preços fixados, quem sabe se aproximando mais dos custos reais da produção e possibilitando uma margem segura ao agricultor, que nos últimos anos tem sido prejudicado ora pelas condições climáticas, ora por fatores de comercialização.

Adubos Trevo, há quase meio século à serviço da agricultura brasileira.



Adubos Trevo tem fábricas em Rio Grande, Porto Alegre, Paraguará e Cubatão, produzindo fertilizantes com a garantia de uma fórmula sempre correta. Porque tem fábricas junto aos maiores portos exportadores do país e centros de distribuição

junto às principais áreas agrícolas, a Trevo garante uma vantagem extra aos nossos agricultores: os mesmos caminhões que levam as safras, podem voltar trazendo o fertilizante. Isso representa menos fretes e mais economia de custos.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

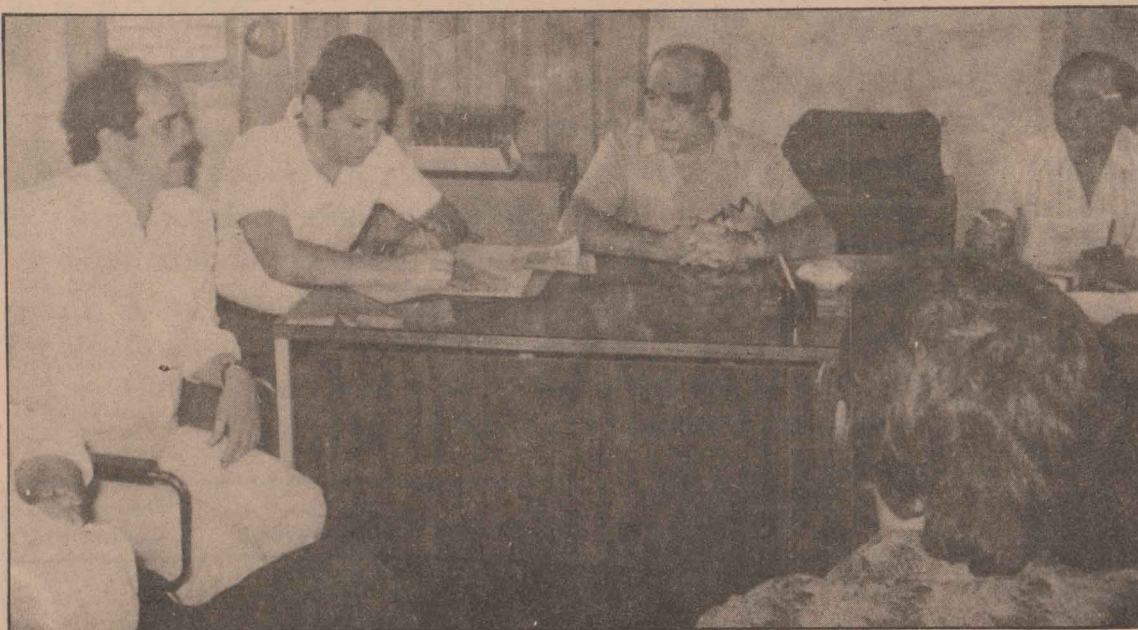
Escritório Central: Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone: 25-5455 - Porto Alegre - RS

AS PRIMEIRAS MÁQUINAS PARA A COTRIJUI - NORTE

Durante expediente realizado na Agência do Banco da Amazônia, em Altamira, Pará, a 24 de julho, foi assinado contrato de financiamento do BASA com a COTRIJUI, com a finalidade de serem adquiridas as primeiras máquinas e equipamentos necessários aos serviços de desbravamento da gleba de 400 mil hectares que a cooperativa colonizará. O contrato foi assinado pelo veterinário Volnei José Frizzo Nemitz, diretor-executivo do Projeto Cotrijui-Norte, servindo de testemunhas os presidentes da COTRIJUI e do BASA, respectivamente, Ruben Ilgenfritz da Silva e Francisco de Jesus Penha. Esti-

veram ainda presentes ao ato o diretor do BASA, Wilson Ribeiro Lopes e o gerente em Altamira, João do Carmo Imbelloni; o coordenador do Projeto, Edgar Irio Simm e o responsável pela COTRIEXPORT no Pará, Antonio Marco Andrade.

Após a assinatura do contrato, em Altamira, os dirigentes do BASA e da COTRIJUI viajaram até a localidade de Brasil Novo, no Km. 46 da Transamazônica, no Motel INCRA, administrado pela COTRIJUI, onde a cooperativa ofereceu um almoço aos visitantes. Após foi feita visita a serraria e sobrevoada a área de 400 mil hectares, que se estende,



numa faixa de 120 Km de comprimento se estendendo desde a Transamazônica até as margens do rio Iriri. A foto é uma vista da assinatura do contrato.

TEMAS DO II FENAFEA

Promovido pelo Centro Estudantil "José de Alencar de Ijuí", será realizado nessa cidade de 16 a 19 do corrente o II Festival Nacional de Folclore Entre Escolas Agrícolas. Os organizadores esperam a participação de 400 estudantes agrícolas do Brasil, nesse conclave que contará dentre os palestrantes, com o professor Carlos Galvão Krebs que falará sobre folclore nacional; Paixão Cortes, abordando folclore rio-grandense; engº agrº Nedy

Borges, diretor técnico da COTRIJUI, que abordará o tema "O Técnico Agropecuário dentro do Sistema Cooperativista". Constam ainda da programação apresentações do grupo folclórico IEBU, do Uruguai e do Grupo Internacional "Os Gaúchos", de Porto Alegre.

A par das palestras e momentos artísticos, o FENAFEA reservará horários destinados a discussão de teses, moções e proposições encaminhadas pelas delegações participantes.

CONTABILIDADE AGRÍCOLA

A COTRIJUI, em convênio com a FIDENE, está desenvolvendo junto aos seus associados um trabalho de contabilidade agrícola. Muitos associados ouvem falar em contabilidade agrícola e se perguntam: que é, afinal, esta contabilidade agrícola? Que querem com isso? Será que me interessa? Será que é bom fazer ou não vale a pena?

A contabilidade agrícola parece ser uma coisa que só serve para os grandes produtores, mas na realidade qualquer agricultor associado da COTRIJUI pode fazer a sua, não interessando o tamanho da propriedade ou as culturas

ou atividades a que se dedique. Para o associado, num primeiro momento, a contabilidade agrícola parece não ser de utilidade. No entanto, os que estão fazendo já demonstram um maior interesse, que aumenta na medida em que os trabalhos se desenvolvem.

Os associados que têm interesse em fazer a contabilidade de suas propriedades, deverão participar das reuniões programadas para seu núcleo, ou então solicitar informações aos técnicos da Cooperativa, ou ainda, entrar em contato com os associados que já estão fazendo os registros contábeis de suas propriedades.

**Eles vieram
do mundo inteiro para batalhar pela nossa terra.**

**Sie kamen
aus Deutschland um in Brasilien zu arbeiten.**

**Loro sono
venuti dall'Italia per lavorare per il Brasile.**

**Oni przyjechali
z Polski aby pracowac dla Brazylji.**



**A todos os imigrantes, nosso reconhecimento.
Allen Ein wanderern unseren Dank.
Il nostro riconoscimento a tutti li immigranti.
Dla wszystkich imigrantów, nasze uznanie.**

**Caderneta
APESUL
de Poupança**

**APESUL
HABITACAO
HABITASUL**
Setor de Habitação e Imobiliário

A LAVOURA NO MÊS



ALHO — As fortes chuvas ocorridas recentemente resultaram na lavagem dos fertilizantes nitrogenados, tornando-se necessária a suplementação com uréia ou sulfato de amônio, para dar boas condições de desenvolvimento às plantas. Estas condições climáticas favorecem a infestação das lavouras com invasoras, tornando-se muito importante o seu controle. Considerando-se o estágio de desenvolvimento das plantas e inços, não é muito adequado o uso

de herbicidas, destacando-se como melhor solução a capina manual e aproveitando-se a operação para realizar a amontoa de terra junto à planta. Dificilmente se manifestarão moléstias fúngicas neste período, o que é mais provável em estágio posterior. Se contudo ocorrer, deve-se entrar imediatamente em contato com o Departamento Técnico de sua unidade.

CEBOLA — Verifica-se na região o bom desenvolvimento das lavouras onde se cultivam as variedades Baía Periforme e Pera de Rio

Grande, as quais até o presente não estão apresentando sintomas de moléstias fúngicas e estão com bom sistema foliar. Nas lavouras em que estiverem com crescimento retardado, é conveniente a cobertura nitrogenada com uréia ou sulfato de amônia e deve ser observado o controle das invasoras.

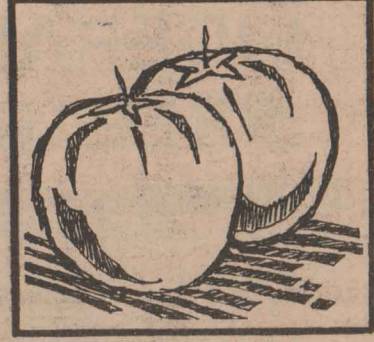
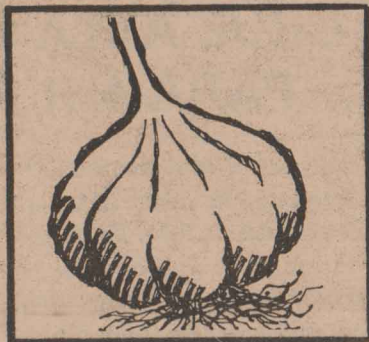
BATATA — Neste período podem ser iniciados os plantios destinados à colheita em período outubro/novembro. Deve ser observado se o tubérculo estiver com boa brotação para me-

lhor crescimento da planta. Caso forem usados inseticidas de solo, recomenda-se muita cautela no seu uso, por esses produtos serem altamente tóxicos. Convém obter informações junto ao Departamento Técnico sobre qual o tratamento a ser usado para controle de moléstias da parte aérea, para prevenir futuros problemas que poderão surgir na lavoura.

TOMATE — A semeadura de tomate pode ser iniciada neste mês, como também os transplantes, correndo porém o risco de prejuízos com geadas tardias. É

recomendável a desinfecção do solo da sementeira para diminuir problemas de moléstias na fase inicial de crescimento das plantas.

Nos transplantes é recomendável o uso de inseticidas sistêmicos de solo (grametox, desiston) para diminuir os prejuízos pelo ataque de insetos sugadores nos estágios iniciais de desenvolvimento da planta. Igualmente é importante manter contato com Departamento Técnico para prever plano de controle de moléstias fúngicas e insetos.



CURSO DE ATENDENTE DE ENFERMAGEM



No Hospital Sta. Teresinha de Santo Augusto nos dias 15 de junho a 15 de ju-

lho do corrente ano, realizou-se um curso de Atendente de Enfermagem para

filhas de associados, com a duração de 200 horas, sendo 140 horas de aulas práticas e 60 horas de aulas teóricas. Entre os dezessete (17) participantes do mesmo, tivemos oportunidade de conversar com quatro (4) filhas de associados da região de Ijuí-Augusto Pestana-Vila Jôia, que participaram do mesmo e são assíduas participantes das reuniões de núcleos realizadas com esposas e filhas de associados pelo Setor de Comunicação e Educação da COTRIJUI.

Vera Lúcia Rorato, Lenir Terezinha Watthier, Leonir Fátima dos Santos e Neuza Santos, que acharam

o curso de muita importância, trazendo para elas muitos conhecimentos para suas vidas e para poderem auxiliar as pessoas que delas precisarem. E como sugestão para as participantes dos demais núcleos disseram que "... seria muito bom se todas pudessem fazer este curso ou pelo menos ter uma noção da importância do mesmo, da oportunidade de visualizar coisas que de primeira vista parece difícil e que, no entanto, tendo conhecimento se pode tomar a atitude certa, deixando de lado coisas erradas que não resolvem e só pioram o problema de um paciente. Achamos até que as pessoas se tornariam mais humanas

levando isto a um maior relacionamento entre as pessoas e uma maior preocupação no sentido de VIDA".

HORTALIÇAS

SEMENTES:
A COTRIJUI
dispõe de completa
linha de sementes
de hortaliças.
DEFENSIVOS:
Use produtos
químicos
adequados para
hortaliças,
para manter a
alta qualidade da
produção. Informe-se
no Departamento
Técnico sobre
os produtos
recomendados.

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS NO NÚCLEO DE CARÁ-VILA JÓIA

O Setor de Comunicação e Educação dando continuidade ao trabalho junto a família do associado realizou uma reunião conjunta no núcleo de Cará-Vila Jôia, com cento e seis participan-

tes, onde as senhoras e filhas de associados expuseram trabalhos feitos em tricô, crochê, pintura em tecido, macramê entre outros, em torno de duzentos trabalhos.

Além da exposição, dos debates referentes a comercialização, pecuária leiteira, foram servidos pratos à base de soja, feitos pelas próprias participantes. Salienta-se a importância des-

ses encontros e o incentivo que deve-se deixar aos demais núcleos em participarem cada vez mais, fortalecendo com isso o próprio sistema cooperativo.

MUCAMA MODERNIZOU PARQUE INDUSTRIAL

Começou a operar junto ao complexo industrial da COTRIJUI, em Ijuí, uma nova máquina de enlatamento do óleo Mucama. Trata-se de equipamento moderno, com tecnologia e material genuinamente nacionais, com capacidade para encher 7.200 latas por hora, numa média de 120 latas por minuto. Funcionando em sistema rotativo a pistão, a máquina proporcionará que em apenas um turno com o emprego de 12 funcioná-

rios, seja acondicionada a produção da fábrica de Ijuí, o que antes era feito em dois turnos com a antiga máquina à vácuo, e de comando manual.

Na foto uma vista do equipamento. Neli Eblin, vista de frente, é coordenadora do setor de enlatamento desde que o setor começou a funcionar, no dia 28 de maio de 1965. "Aprendi a gostar da máquina manual — afirmou Neli — mas agora, após uma fase de adapta-



ção, tudo se tornará mais fácil e menos cansativo".

Com a aquisição desse

equipamento, mais uma vez a COTRIJUI dá mostras de sua preferência pela tecno-

logia brasileira, sob a orientação de seu diretor industrial, Werner Wagner.

LIDERANÇAS AGRÍCOLAS PREPARAM SEMINÁRIOS



Encontros como o da foto se sucedem, e com frequência, nos municípios da região COTRIJUI. Além de receber informações da cooperativa pela direção e funcionários, os associados le-

vantam problemas e os discutem conjuntamente. Esses encontros têm servido, de igual modo, como preparativo aos seminários que serão realizados proximoamente nas unidades. Na foto, um

aspecto do encontro de líderes do município de Chiapetta, que contou com a participação do dr. Nedy Borges, diretor técnico da COTRIJUI.

TREINAMENTO SOBRE SEMEADURA DIRETA

O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo — EMBRAPA, realizará em Passo Fundo um treinamento sobre Semeadura Direta em Trigo e Soja. O evento efetivar-se-á no período de 28 de agosto a 1º de setembro.

O objetivo é treinar agrônomos que atuam na assistência técnica oficial ou particular, visando aprimorar seus conhecimentos prá-

ticos e teóricos sobre esta tecnologia. Será dado destaque para equipamentos, herbicidas, aspectos econômicos e limitações do uso desta prática.

O número de inscrições será de no máximo 50 inscritos. Os interessados poderão enviar correspondência para o CNPTRIGO — BR 285, km 174, Caixa Postal 569, Passo Fundo, RS

ou diretamente no local até o dia 18 do corrente. A confirmação das inscrições efetuadas por carta serão feitas por telegrama.

Para a inscrição os candidatos deverão fornecer o nome e endereço da instituição que trabalham e natureza das atividades. No final do treinamento será fornecido certificado de presença.

CRUZ ALTA SE ORGANIZA PARA A II FENATRIGO

A II Festa Nacional do Trigo, a ser realizada em Cruz Alta de 14 a 29 de outubro, deverá levar aquela cidade muitos turistas, além de milhares de agricultores de todo o Estado.

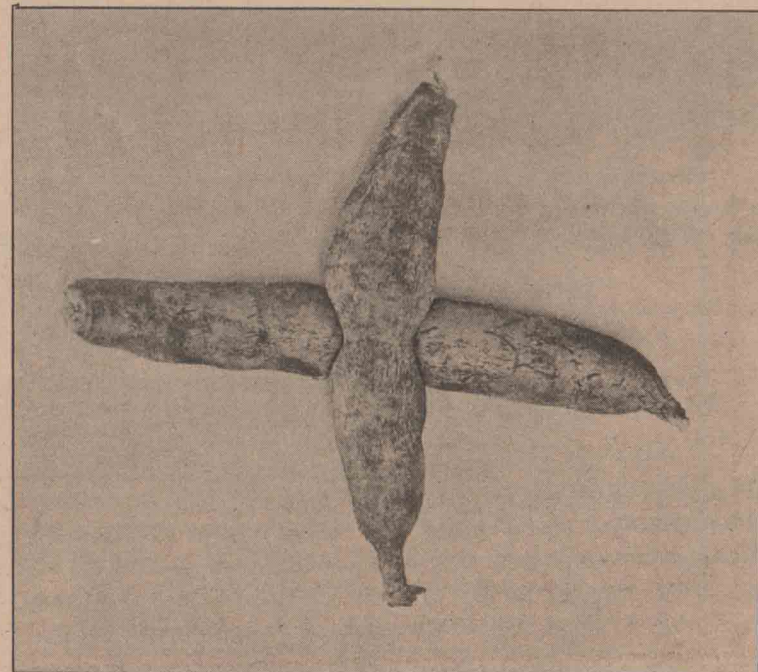
As empresas do Rio Grande do Sul que deseja-

rem informações sobre a II FENATRIGO deverão se dirigir ao Escritório Central da festa, junto à Secretaria de Turismo de Cruz Alta, na rua General Câmara, 1050, ou pelo telefone 322-2409.

MANDIOCA EM FORMA DE CRUZ

Essa raiz de mandioca foi colhida na propriedade do associado Walter Michael, da localidade de Itaí, município de Ijuí, e trazida até a redação do COTRIJORNAL pelo seu filho, Orlando Michael. Ela mostra a curiosidade da forma, em cruz, e

também que a família Michael nunca abandonou as práticas de subsistência e de diversificação, conforme testemunho do associado. Ao lado do binômio trigo e soja, sempre se reservou lugar ao milho, porco e leite.



PROJETO JARI, ONDE TUDO É MAJESTOSO

É possível que muitos dos leitores do COTRIJORNAL tenham ouvido falar de Jari, um projeto audacioso, seguramente a maior fazenda do mundo, e que ocupa terras do Território do Amapá e estado do Pará, numa área comparada em tamanho à Bélgica. Mas até bem pouco tempo (maio desse ano), eram muito restritas as visitas ao projeto, e só agora jornalistas tiveram acesso para colher informações e transmiti-las aos seus leitores. O Jornal da Tarde, d'O Estado de São Paulo, em edição de oito de julho último, dedica quatro páginas ao Projeto Jari, menina dos olhos do multimilionário Daniel Keith Ludwig, com 82 anos de idade e nenhum herdeiro. A área já demarcada do Projeto Jari é de 1,3 milhão de hectares (um milhão e trezentos mil hectares), superior três vezes à área cultivada da região pioneira da COTRIJUI no Rio Grande do Sul. Caso reconhecidas as áreas relacionadas nas escrituras, mas com fronteiras pouco claras, o Projeto Jari passará a se constituir num pequeno mundo, com 3,5 milhões de hectares.

O QUE FAZER COM TUDO ISSO

Jari Florestal e Agropecuária é o nome da fazenda, cortada transversalmente pelas águas do Rio Jari, afluente do Amazonas. Seu proprietário é sabedor que não gozará dos resultados do investimento ali aplicado, dado sua avançada idade. Nem por isso deixa de imprimir ritmo acelerado às várias frentes do projeto, seja no reflorestamento,

nos imensos arrozais ou na fábrica de celulose, encomendada pelo caprichoso bilionário e que navegou desde o Japão ao extremo norte do Brasil.

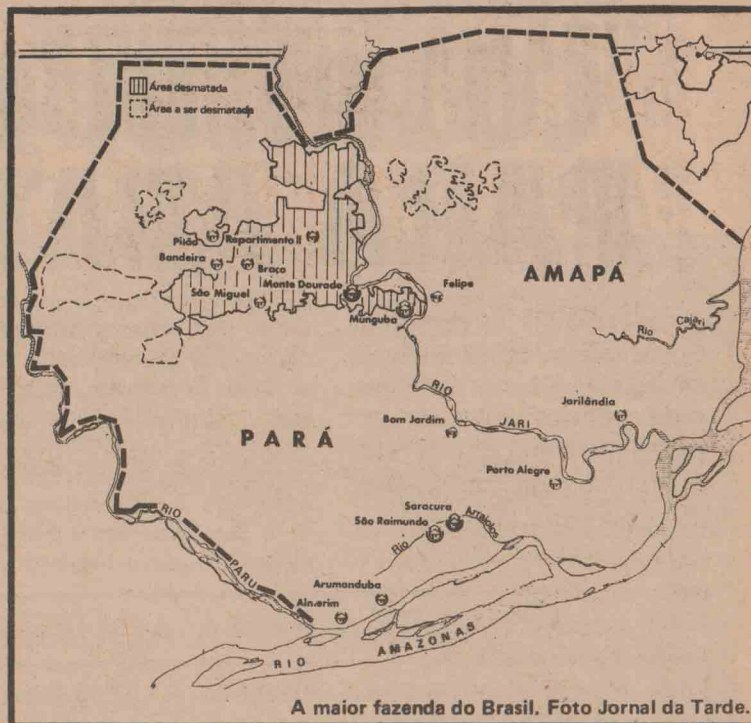
Cercada de muitos por quês, a Jari Florestal causou estranheza pela derrubada de árvores nativas no coração da selva, para que fossem plantadas outras no mesmo lugar. E o que chamou a atenção. Nos primeiros 400 hectares, o desmatamento foi feito por potentes tratores cujas esteiras esmagaram e revolveram a fina camada fértil do solo amazônico. Reconhecido o erro, a derrubada passou a ser feita com uso de moto-serras. Mas porque desmatar se novas espécies vão ser plantadas no mesmo lugar? É que os engenheiros florestais da Jari defendem a tese de que a floresta nativa da região — composta de cerca de 200 espécies diferentes — não é adequada para a fabricação de celulose. Em pouco tempo surge, em lugar da floresta antes primitiva, uma floresta civilizada constituída não mais de 200 espécies, mas de duas: a gmelina arborea e a pinus carybea, de crescimento vertiginoso no clima quente. Assim, num curto período de oito a dez anos, a Jari Florestal já estará usando essas essências novas na sua fábrica de celulose. Em contrapartida, uma floresta nativa chega a levar 50 anos para se recompor.

Já que falamos na matéria prima para a fábrica de celulose, aqui estão alguns dados sobre ela, anotados pela reportagem do Jornal da Tarde. A indústria é constituída de dois grandes bar-

cos, estando sobre um deles a fábrica de celulose propriamente dita, e no outro, a usina que terá a função de fornecer energia elétrica para a fábrica, pela queima de cascas, pontas e restos de madeira. Dentro da área do projeto florestal da Jari foram implantados 250 quilômetros de ferrovias para coleta e transporte das toras de madeira para a fábrica. Só na produção de celulose, o investimento de Mr. Ludwig deverá ultrapassar 300 milhões de dólares (5,4 bilhões de cruzeiros). Pode se adiantar que toda a produção da fábrica de celulose da Jari se destinará à exportação.

NAL LAVOURA DE ARROZ TUDO É JOGADO DO CÉU

O projeto global do enorme arrozal do projeto Jari prevê o plantio dessa cultura em 14 mil hectares. Atualmente, estão em produção cinco mil hectares, com duas colheitas anuais. Depois de preparada a terra, os tratores param. Então, cada quadra é inundada com 15 centímetros d'água. Então entram em ação os aviões agrícolas, que semeiam os grãos pré-germinados que estavam imersos na água desde o dia anterior. Quando a água sumir para dentro da terra, o arroz já estará brotando. Cada hectare dessa imensidão, levará cerca de 300 quilos de adubo, 110 quilos de fertilizantes de cobertura, duas ou três pulverizações contra a lagarta e mais duas de inseticidas preventivos. Isso tudo cai do céu, isto é, é distribuído por avião. Pra se ter uma idéia da grandiosidade desse projeto arrozeiro, basta enume-



A maior fazenda do Brasil. Foto Jornal da Tarde.

rar o maquinário necessário para cada um dos 14 blocos em que são divididos os 14 mil hectares: 26 colhedoras, 12 tratores agrícolas de 250 cavalos, 30 grades e implementos de arrasto, três aviões agrícolas, cinco carretas de 30 toneladas para transporte de produção, 10 graneleiros para descarga do arroz das colhedoras para as carretas, cinco camionetas, uma oficina ambulante, uma estação de irrigação e uma estação de drenagem. Pronto. É só multiplicar isso tudo por 14. Porque tanta máquina, todas elas caras, uma vez que só na cultura de arroz o projeto poderia empregar a mão de obra de milhares de pessoas que passam por privações, fome, por esse Brasil afora? A resposta o reporter conseguiu ao entrevistar um holandês, gerente da Divisão de Agricultura do Projeto Jari: "... é economicamente inviável um projeto que pretendesse usar mão de obra intensiva. A única saída é usar equipamento que ao menos não precisa de cama, comida escola". Mesmo assim, a população da sede do projeto arrozeiro, São Raimundo, já

é habitada por 1.500 pessoas. Mas o grande centro urbano da Jari Florestal e Agropecuária é Monte Dourado, com mais de 1.200 casas ou alojamentos onde residem 5.700 pessoas.

Ao todo, vivem dentro da área do projeto, e dependem dele para viver, 25 mil pessoas. Sobre elas, sejam administradores, chefes ou simples empregados, um homem decide. Tido bastante autoritário, vem ao Brasil a cada dois ou três meses, quando se inteira do andamento de seu projeto fantástico. Antes disso, Daniel Ludwig já terá passado por Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, mantendo contatos importantes. Dentro de um modelo exportador, mister Ludwig retribuirá no futuro, em divisas, o que o solo brasileiro está lhe proporcionando. Mas muitos perguntam se não seria melhor distribuir em partes o extenso e inexplorado solo amazônico, montando projetos de menor porte, onde os investimentos se aproximem mais da nossa realidade, e que se comprometessem a usar tanto mão de obra, quanto maquinário nacionais.

LÍDERES SINDICAIS RURAIS ANALISAM ASSUNTOS DA CLASSE

Realizou-se em Chiapetta, dia 28 de julho, mais um encontro regional de Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Os trabalhos foram desenvolvidos na sede da Afucotri daquele município, contando com a participação de 26 líderes sindicais de Chiapetta, Santo Augusto, Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Cruz Alta, Coronel Bicaco, Redentora, Tenente Portela, Miraguaré e São Martinho, mais dez elementos

da COTRIJUI, entre eles o diretor presidente, o engº agrº Ruben Ilgenfritz da Silva.

Três foram os assuntos eminentemente classistas debatidos no encontro, a saber: 1 — Elaboração de um documento para o General João Baptista Figueiredo, abordando aspectos da Lei 1.166, versando sobre enquadramento sindical reforma agrária e crédito fundiário. Esse

documento foi entregue em mãos ao general Figueiredo, quando de sua visita à Ijuí; 2 — Elaboração de um documento de apoio ao STR de Cruz Alta, reivindicando o reassentamento de famílias que tiveram suas terras desapropriadas para a construção da Barragem do Passo Real; 3 — O não aumento das verbas enviadas pelo FUNRURAL, destinadas a dar suporte aos gabinetes odontológicos e o reduzido aumento das verbas para os ambulatórios.

A discussão dessa temática constituiu a primeira parte do encontro, quando houve a participação especial do presidente do STR de Cruz Alta. Ele informou aos colegas a real e difícil situação das famílias que tiveram áreas desapropriadas pelo governo, permitindo a construção da barragem. O documento redigido ficou para ser entregue pelo presidente da FETAG, Gelindo Ferri, ao presidente do INCRA.

Na segunda parte, já à tarde, o diretor presidente da COTRIJUI dissertou sobre quatro importantes aspectos da dinâmica atual da cooperativa, a saber: estrutura do poder, capitalização, diversificação e expansão. Em qualquer deles, foi intensa a participação das lideranças sindicais, encaminhando sugestões para estudo com vistas a ampliar a discussão desses assuntos junto ao quadro social da cooperativa, o que vem sendo feito em sucessivas reuniões sob a coordenação do setor de comunicação e educação.

Ruben Ilgenfritz da Silva chegou a abordar, na oportunidade, o relançamento do Cartão de Aptidão, para premiar através de melhores serviços, o associado que opera com a cooperativa. O cartão, já conhecido do quadro social pelo seu uso anos atrás, será um retrato da atividade do cooperado, possibilitando agilizar o atendimento em serviços como repasse, assistência técnica, etc.

Opção na região pioneira:

COTRIJUI IRÁ RECEBER GADO PARA ABATE EM DOM PEDRITO

Dentro da dinâmica de diversificação que a COTIRJUI vem adotando, como forma de diminuir os riscos de uma frutificação na monocultura, uma nova opção passa a ser oferecida aos associados da região pioneira. Segundo decisão recente, a cooperativa passará a receber de seus associados, todo o gado em

condições de abate, como sejam vacas, bois mansos, novilhos e touros. Em qualquer caso, e seja qual for o número de animais que o associado comercializar através da COTRIJUI, será a cooperativa a responsável pelo transporte em caminhões próprios, sem ônus para o produtor. Saliente-se que o Departamento

Técnico, em prosseguimento ao trabalho que desenvolve no setor de produção animal, continuará dando toda a assistência necessária, desde a orientação na formação de pastagens, manejo e medicina veterinária.

Para comercializar seu gado bovino com a cooperativa, bastará que o associado entre em

contato com a sua respectiva unidade, e as demais providências serão tomadas. Nas tabelas a seguir, os preços que a COTRIJUI vai pagar por quilo, nos casos de Peso Vivo (tab. 1) e a Rendimento-Peso de Carcaça (tab. 2). A pesagem dos animais na Granja do IMERAB, em Ijuí se deve ao fato de o local já ofe-

recer as condições necessárias à movimentação do gado. Mas repetimos que a cooperativa se responsabiliza pelo transporte desde os locais de produção até a balança, e posteriormente para o frigorífico, junto à unidade de Dom Pedrito.

TABELA PARA AQUISIÇÃO DE GADO BOVINO – REGIÃO PIONEIRA

1. PESO VIVO PARA NOVILHOS – VACAS E BOIS MANSOS (EM KGS.)

ACIMA DE 450 KG	–	Cr\$	13,50/KG
DE 440 A 449	–	Cr\$	13,00/KG
DE 430 A 439	–	Cr\$	12,70/KG
DE 410 A 429	–	Cr\$	12,40/KG
DE 400 A 409	–	Cr\$	12,10/KG
DE 380 A 399	–	Cr\$	11,00/KG

OBS: TOUROS SERÁ AO PREÇO ÚNICO DE Cr\$ 11,00/KG

PESADOS NA GRANJA DO IMERAB – IJUÍ – RS
TRANSPORTE EM CAMINHÕES DA COTRIJUI DO LOCAL DE PRODUÇÃO ATÉ A GRANJA IMERAB – POR CONTA DA COTRIJUI.

2. A RENDIMENTO PESO DE CARÇA NO FRIGORÍFICO EM DOM PEDRITO.

PREÇO DE CARÇA PARA NOVILHOS – VACAS E BOI MANSO

ACIMA DE 220 KG	–	Cr\$	26,50/KG
DE 210 A 219	–	Cr\$	26,00/KG
DE 200 A 209	–	Cr\$	25,50/KG
DE 190 A 199	–	Cr\$	25,00/KG
DE 180 A 189	–	Cr\$	24,50/KG
DE 160 A 179	–	Cr\$	24,00/KG
DE 150 A 159	–	Cr\$	22,00/KG

OBS: TOUROS SERÁ AO PREÇO ÚNICO DE Cr\$ 22,00/KG
TRANSPORTE POR CONTA DA COTRIJUI EM CAMINHÕES DA MESMA.

Ratos: TRANSMITEM DOENÇAS E DESTROEM OS SEUS LUCROS

São poucos os obstáculos que se antepõem à ação depredadora dos ratos. Sorrateiros, vão consumindo tudo e infestando os lugares por onde passam. Por isso, você deve estar acostumado a ver pessoas chamarem os ratos de “peste”, “bicho nojento” e outras coisas mais. Mas mais do que isso, para preservar sua colheita e se prevenir contra as perigosas doenças que esses roedores transmitem, só abrindo guerra contra eles. Mãos à obra, pois.

RATOEIRAS E RATICIDAS

Numerosas são as armas usadas para acabar com os ratos, mas até hoje isso não foi alcançado. Então, o máximo que se pode fazer é deter o crescimento vertiginoso de suas populações, controlar os males que eles causam, enquanto se reproduzem assustadoramente. Dependendo do

tamanho da sua casa, localização e material depositado, você poderá usar alcapões ou ratoeiras. Caso a infestação de ratos for acentuada, o que se conclui pelos estragos produzidos nos produtos colhidos e armazenados, terão que ser tomadas outras medidas. Um primeiro passo, seria pedir o aconselhamento do Departamento Técnico da Cooperativa, sobre a qualidade e maneira de uso dos raticidas existentes no mercado. Os técnicos da COTRIJUI, pelas informações que o agricultor transmitir, saberão dar uma orientação segura, evitando riscos para pessoas e animais domésticos. Antes porém de efetuar gastos no combate aos ratos, é aconselhável um levantamento das condições de armazéns e depósitos (galpões, etc), para saber se não se está dando

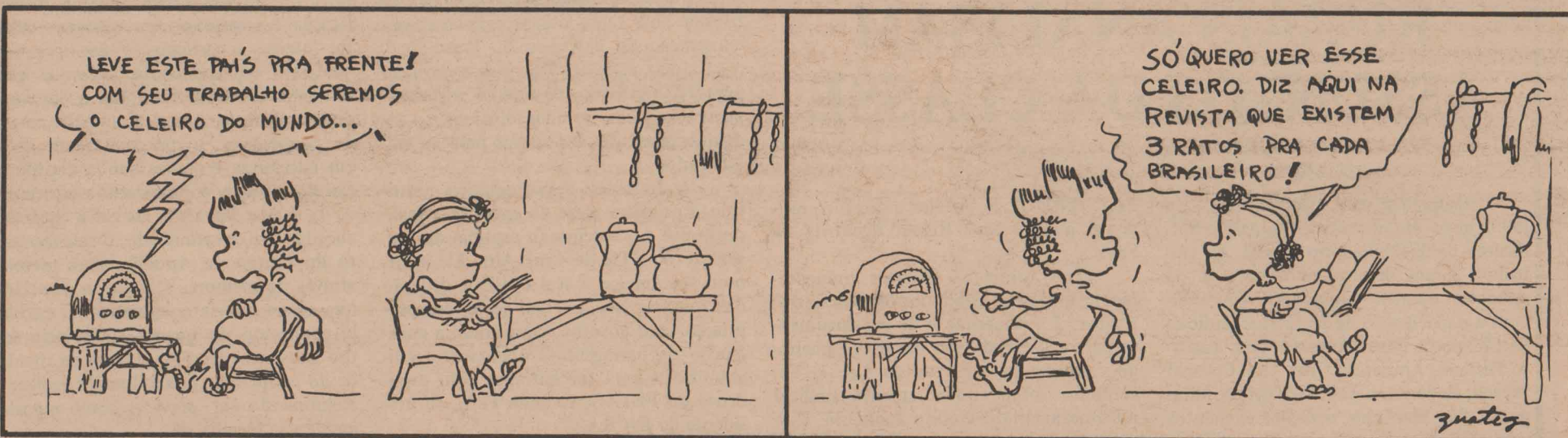
as condições ideais à ação destruidora dos ratos. Quanto mais lhes impedirmos o acesso à comida, menos eles terão capacidade de se reproduzir e desenvolver. Usar material de construção impenetrável aos ratos, quando possível, é aumentar os lucros da colheita. Uma tela num tubo de ventilação é obstáculo seguro contra a penetração de ratos, com o que a “colônia” terá que procurar outro lugar para se instalar. Jogar detritos (restos de comida e lixo em geral) fora, e deixar as caixas d’água abertas, são medidas que convidam os ratos a se instalar numa propriedade. As sobras devem ser de preferência colocadas em recipientes apropriados e em seguida enteradas. O vasilhame de água e as caixas para depósito desse líquido, devem ser mantidos sempre

fechados. Um rato que não tenha facilmente o que comer estará condenado a morrer em poucos dias. Segundo provado, os dentes incisivos superiores e inferiores dos ratos surgem de oito a dez dias após o nascimento do mesmo. E continuam a crescer até o fim de sua vida. Se o roedor não encontrar a cada instante o que mastigar, há o perigo do incisivo inferior atingir a cavidade de seu crânio, desferindo-lhe golpe fatal. Se você coleciona o COTRIJORNAL, dê uma relida na matéria que publicamos no cadernos de avisos da edição de dezembro de 1973, sobre os perigos que uma colônia de ratos constitui.

PERIGO AINDA MAIOR

Pior do que perder recursos materiais, é ter uma pessoa da família acometida de doenças

que são transmissíveis pela ação nociva dos ratos. Pela mordida, através da saliva ou mesmo excrementos (fezes), os ratos são transmissores dentre outras, da peste bubônica, tularemia, tifo, disenteria bacteriana. Como se vê, o rato é um sub-produto do mundo civilizado, convivendo com o homem, que muitas vezes até protege o roedor de seus inimigos naturais. Por isso, na nossa trincheira contra a carestia, falta de terra para expansão da lavoura, vamos declarar luta contra os ratos. Fazendo uso do lança-chamas, iscas envenenadas, ratoeiras, gases, cães, gatos e até mesmo pancadas, vamos dedicar um pouco de nosso tempo para o extermínio de quem usa todo o seu tempo (e apetite insaciável...) para destruir o que é fruto de nosso labor.



ACIDEZ DO SOLO

*Alberto Parenti Filho

Quando se fala em solo ácido, está se falando em terra fraca, onde vegetam a samambaia, o sapé ou a barba-de-bode, ervas daninhas muito pouco exigentes e que conseguem sobreviver em terras estéreis.

Na maioria dos casos, a pobreza do solo é devida a sua acidez, que impede o aproveitamento do nitrogênio pela planta, diminuindo o arejamento da terra e impedindo o crescimento das raízes pelo não aproveitamento dos nutrientes do solo, prejudicando o desenvolvimento das culturas. Neste caso há necessidade de neutralizar a acidez pela aplicação de quantidades certas de corretivos apropriados que contenham altas percentagens de cálcio e magnésio. As principais causas da acidez do solo são:

— Enfraquecimento do solo pelo esgotamento de nutrientes devido ao desmatamento e plantio durante anos seguidos, sem adubação correta, restando somente o hidrogênio. Quando o solo fica saturado desse elemento, começa a surgir outro, o alumínio, que é responsável pela acidez.

— A erosão provocada principalmente pelas chuvas que removem a camada superficial do solo, onde é maior a concentração de nutrientes, favorecendo o aparecimento da cidez.

— Falta de rotação de culturas: deve ser feita a troca constante de cultura na mesma área de terra.

— Uso indiscriminado de adubos ácidos.

A calagem age como um remédio, pois cura a doença, reduzindo a acidez do solo até níveis mais favoráveis à vida das plantas, elevando a produção de uma cultura através da combinação de vários fatores.

— Redução da concentração dos elementos que nas terras ácidas podem tornar-se tóxicos às plantas, como: alumínio, ferro e manganês.

— Aumento da disponibilidade de nitrogênio, enxofre, fósforo e de outros nutrientes para o crescimento do vegetal.

— Provisão de cálcio e

magnésio necessários à vida das plantas.

— Melhoria das propriedades físicas do terreno, tornando leves os solos pesados e mais pesados os solos leves, facilitando o arejamento, a circulação da água e a penetração das raízes.

Dois fatores devem ser considerados atentamente na escolha de um corretivo: a qualidade e o preço. Os corretivos existentes no mercado não têm a mesma qualidade. Então o técnico e o agricultor devem saber os fatores importantes que influem na qualidade, para que possam escolher de uma maneira inteligente o melhor corretivo disponível. Os aspectos mais importantes a serem considerados são: valor de neutralização, tamanho das partículas e conteúdo de magnésio.

Para que se atinja logo o objetivo desejado—corrigir a acidez do solo—é recomendável que se aplique o calcário todo numa só época. O calcário, por ser um material muito pouco solúvel, não reagirá no solo imediatamente. Então deve ser aplicado pelo menos uns três meses antes do plantio da cultura principal, para que tenha tempo suficiente para reagir com o solo e para que as plantas dêem as respostas esperadas. No caso das leguminosas, que em geral são mais sensíveis à acidez, é aconselhável fazer

a calagem pelo menos uns seis meses antes do plantio.

A distribuição do corretivo deve ser feita uniformemente sobre o terreno. Pode ser manual ou por meio de máquinas. Já está sendo usada a distribuição por meio de caminhões, especialmente equipados para este fim, com consideráveis vantagens sobre os outros processos.

Para o corretivo reagir bem no solo, deve ser muito bem incorporado à camada arável, (15 a 20 cm) de profundidade, que é onde se concentra a maior parte das raízes das plantas. Estudos têm mostrado que uma boa e uniforme incorporação se obtém quando a metade do calcário é aplicado uniformemente sobre o terreno antes da lavração e a outra metade depois da lavração e antes da gradeação.

Se não houver condições de dividir a aplicação de calcário, metade antes da lavra e metade depois, pode-se aplicar todo calcário, gradear e a seguir lavar e gradear.

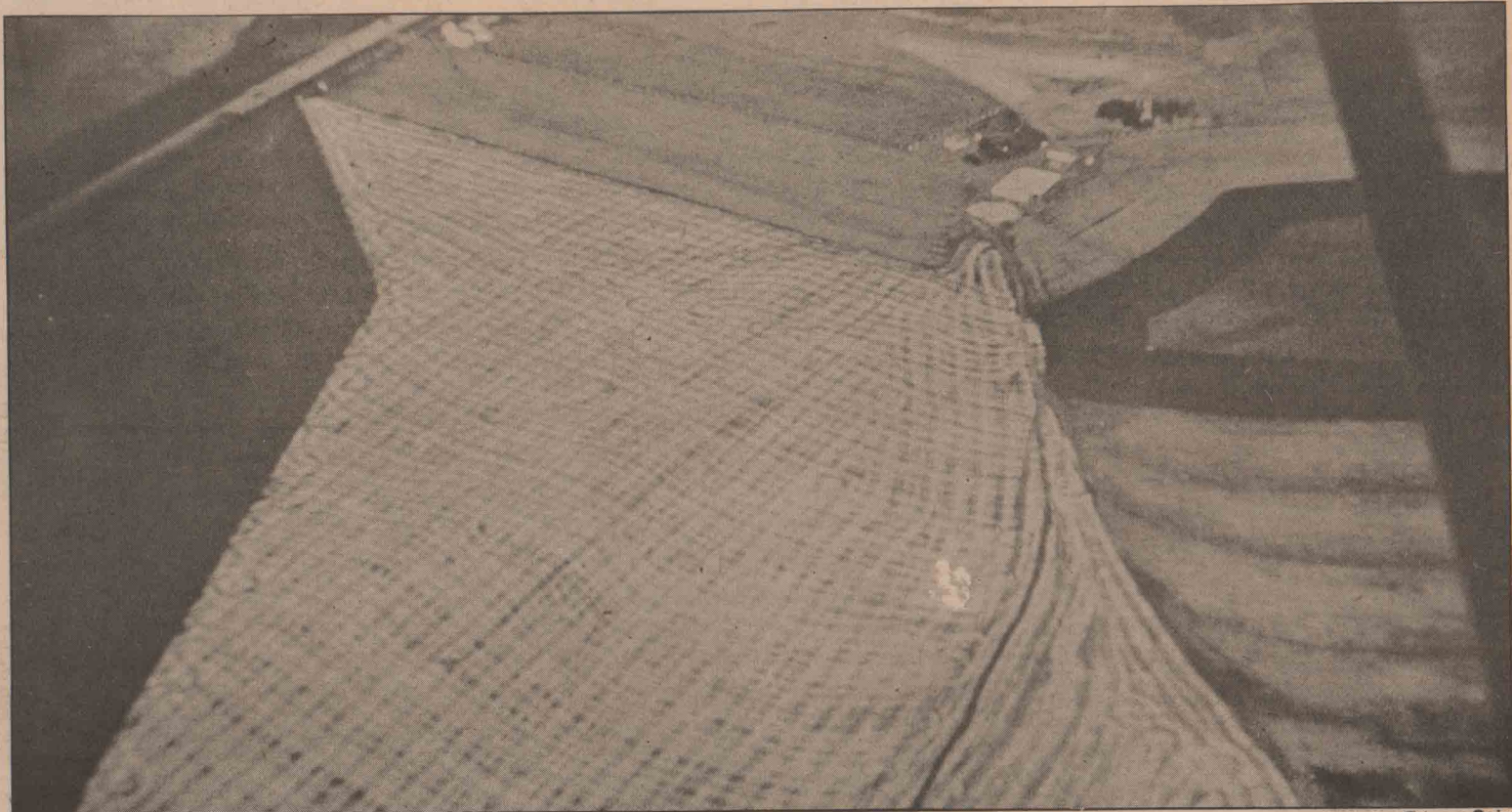
Novas aplicações de calcário devem ser feitas depois de cada 4 a 5 anos para manter o pH atingido, porém, aí serão necessárias quantidades bem menores, pois se trata apenas de manter uma situação, devolvendo ao solo o que foi absorvido pelas plantas e o que foi perdido por lixiviação e por

erosão. Uma nova análise de solo indicará que quantidade deve ser de novo aplicada.

Seguindo-se estas recomendações de uso de calcário, o solo estará em condições de produzir altos rendimentos. Por outro lado não podemos nos esquecer que junto com a calagem

Boletim Trigo e Soja
devem entrar no programa de exploração racional da terra, corretas adubações e boas práticas de manejo das plantas. Sem isto, não há bom aproveitamento dos benefícios da calagem.

*Alberto Parenti Filho
Eng^o. agr^o. da COTRIJUI
Depto. Técnico.



Treflan
o mata-mato
nunca
falhou

De uma coisa você pode
estar certo. Graças ao Sistema
Treflan, este agricultor não
está sonhando com mato.

Treflan
mata-mato
nunca
falhou

Leo Burnett

Todo agricultor sabe que um herbicida não
pode ser eficiente apenas na palavra.
Ele tem que ter Assistência Técnica o ano todo,
antes e depois da compra. Tem que ter experiência
comprovada. Tem que ser um produto que nunca
falhou. Tem que ter o Controle de Qualidade Elanco.
E para ter tudo isso, só o Sistema Treflan.

Não existe nada igual.
Quem protege sua lavoura com
o Sistema Treflan, além de dormir
tranquilo, ainda fica com os lucros.
Fale com o homem Elanco,
seu Distribuidor ou o Engenheiro
Agrônomo de sua Cooperativa.

ELANCO

Fabricante de: Treflan, Coban,
Hygromix, Perflan, Surlan,
Tylan e Trifluralina.

Treflan é indicado para as culturas de algodão, alho, amendoim, berinjela, brássicas (brócoli,
couve-flor, couve-manteiga e repolho), café em formação, cebola de transplante, cenoura,
citrus, feijão-vagem, girassol, mamona, mandioca, pimentão, quiabo, soja e tomate.

PREVENÇÃO DAS DOENÇAS DE REPRODUÇÃO EM BOVINOS

(Primeiro de uma série)

Se não se cuidar de melhorar a fertilidade do rebanho de corte e gado de leite, aliado ao manejo, melhoramento zootécnico, controle sanitário e alimentação, agravar-se-á inevitavelmente com o passar dos anos o problema da fome, já que é cada vez mais crescente a demanda de alimentos, resultante do contínuo e vertiginoso aumento da população humana.

Durante estes últimos 30 anos a duração média da vida produtiva das vacas leiteiras tem decrescido, mostrando-se mais curta em rebanhos com alto nível de produção do que naqueles sob condições mais primitivas. (Johansson) (1).

Nos rebanhos suecos vermelho e branco, de alta produção (Udris-2) verificou-se que 14% do total de vacas eliminadas tinham completado apenas uma lactação; 17% duas e 17,5%, três; enquanto que nos de baixa produção, somente 6,3%, 10,4% foram eliminadas respectivamente após a 1a, 2a e 3a. lactação.

Nos rebanhos de alta produção, as vacas haviam completado, em média, quatro lactações na época da eliminação, enquanto que nos de baixa produção atingiam 5,2 lactações. Nas associações de controle leiteiro IOWA; LUSHE LACY (3) verificaram que a duração média da vida reprodutiva da vaca a partir da 1a. parição foi de 3,5 anos.

UDRIS (2), examinando registros de 1233 vacas suecas vermelha e branca encontrou como principais



causas de eliminação:

Distúrbios reprodutivos — 40,8%.

Baixo rendimento — 17,3%.

Idade avançada — 9,3%
Mamite — 6,3%.

Na Áustria, a eliminação de vacas devido a distúrbios reprodutivos atingiu 30 a 40%; na Alemanha Ocidental 28 a 32% segundo Müller (4). Quanto aos touros, a idade de eliminação parece ter aumentado nestes últimos 20 anos, em virtude de se ter dado maior importância aos testes progênie e utilização de touros, provados principalmente

nos centros de inseminação artificial.

Becher e Arnold (5) utilizaram dados de todas as partes dos Estados Unidos para levantamento de causas de eliminação de touros leiteiros. Em 5731 reprodutores utilizados em monta natural, 37,5% devido a várias doenças e 31,8% e por causas físicas e velhice, acidentes, etc. . .

Finalmente, para destacar o aspecto econômico da questão basta citar o de que a esterilidade e distúrbios reprodutivos no gado de leite acarretam um prejuízo anual de Cr\$

250.000,00 nos Estados Unidos, segundo Asdell (6).

Muitas outras citações poderiam ser relacionadas aqui, mas os exemplos citados dos Estados Unidos, Alemanha, Áustria e Suécia, são suficientes para aquilatar a magnitude do problema, mostrando que a esterilidade e a baixa fertilidade, de um modo geral, são as causas mais importantes da eliminação de reprodutores leiteiro e de corte antes de atingirem a idade de mais produtividade.

O serviço de reprodução e inseminação artificial da COTRIJUI, através dos

médicos veterinários de nosso Depto. Técnico, vem evidenciando em nossas propriedades da região que estão ligadas a pecuária de corte e leite os mesmos problemas de esterilidade e fertilidade. Muitas vezes é realizado a inseminação artificial ou mesmo o uso de touro e as vacas não ficam prenhes. Então o proprietário insiste em continuar inseminando, sem consultar o veterinário para descobrir a causa da vaca não ficar prenhe.

O reconhecimento mais rápido possível se uma vaca se encontra em gestação é de maior interesse, porque suas repercussões especulativas são importantíssimas, pois permite dar aos animais uma orientação determinada em sua vida econômica, com relação ao estado reprodutivo em que se encontram.

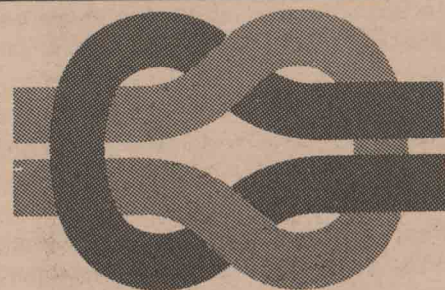
De fato, se o diagnóstico é negativo, pode-se investigar a causa, proceder o tratamento oportuno que corrija o motivo do fracasso da fecundação e, caso surta efeito, permite o descarte precoce da fêmea de suas funções reprodutivas, orientando-se sua exploração zootécnica em outro sentido. Trabalhos com o objetivo de aumentar a fertilidade do rebanho já estão sendo desenvolvidos a nível de nossos produtores.

Bibliografia: 1 — Johansson, 1, Genetic. Aspect of Dayry Breenduy.

2 — Udris, A. — In Johansson (1)

3 — Müller, E. 1956— In Johansson (1).

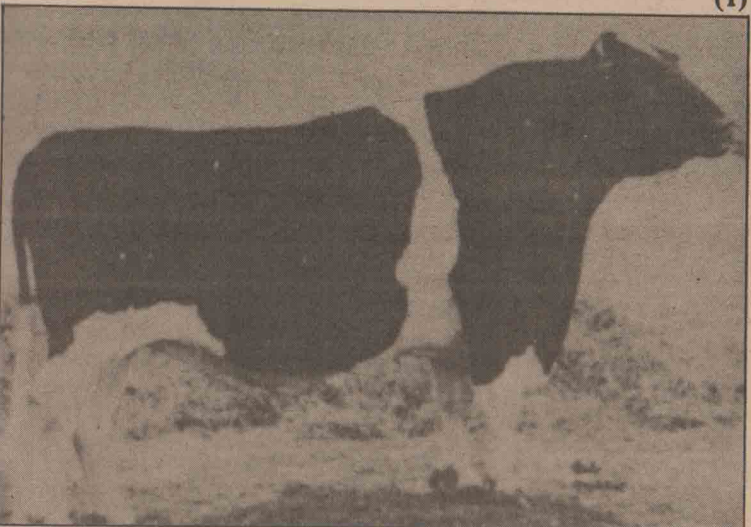
Seja um dos nossos.



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.



(1)



(2)

A partir deste número do COTRIJORNAL, estaremos levando ao conhecimento do nosso quadro social a disponibilidade de sêmen existente no Serviço de Inseminação Artificial da COTRIJUI. Além disso, e de uma maneira simplificada tentaremos indicar o melhor reprodutor a ser usado em determinados rebanhos, através da descrição de suas características zootécnicas e capacidade de transmissibilidade.

É evidente que todo o passado da inseminação artificial na nossa área de ação possui um significado altamente positivo,

devido ao melhoramento imprimido ao nosso rebanho em geral, mas hoje, com o incremento da atividade leiteira e melhor padrão zootécnico, se faz sentir a necessidade do aprimoramento na indicação de reprodutores para que a inseminação artificial continue a dar a sua parcela de contribuição na reprodução animal.

Levando em conta a necessidade do mercado, a indicação de um reprodutor, atualmente, nos parece que deva estar alicerçada na característica do mesmo transmitir aumento de produção leiteira para seus produtos e me-

SERVIÇO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM BOVINOS

lhoramento sensível de qualidade de úbere. Tendo em vista estes dois aspectos iniciaremos a série com dois reprodutores importados e altamente testados e que poderão ser usados em qualquer rebanho, com absoluto sucesso.

Tiho Kit Builder HPB (foto um), nascido a 07.05.69, possui um peso adulto de 1.177 kg. A produção média de suas filhas é de 7.953 kg de leite por lactação. Suas filhas vêm se destacan-

do nos Estados Unidos, possuindo excelentes úberes e grande característica leiteira. É um reprodutor que possui significativa genealogia, sendo que sua mãe, Sigson R.A. Prond Sally, apresentou em 3 lactações uma produção média superior a 10.000 kg de leite.

No serviço de inseminação artificial está sendo vendido sob o código 1959 a Cr\$ 455,00 a primeira aplicação.

Mowry - C. Maple HPB (foto dois), nascido a 01.02.68, possui um peso adulto de 1.132 kg. C. Maple apresenta filhas com ótimos índices de produção, bons úberes e facilidade de ordenha. A produção média das filhas é de 7.487 kg por lactação, sendo que na região já existem diversos produtos deste touro, com excelente aceitação. O sêmen é vendido sob o código 2372 a Cr\$ 235,00 a primeira aplicação.

SERVIÇO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL - DISPONIBILIDADE

Nome do Touro	Raça	Código	1a. Aplicação
Apollo	HPB	2483	Cr\$ 100,00
Black Hawk	HPB	H016	Cr\$ 70,00
Castel Martin	HPB	FB268	Cr\$ 140,00
C. Maple	HPB	2372	Cr\$ 235,00
Clenafon Lindley	HPB	H004	Cr\$ 75,00
Freelea	HPB	FB1012	Cr\$ 330,00
Kenedy Ace	HPB	2279	Cr\$ 370,00
Knight Son	HPB	1931	Cr\$ 120,00
Seven K	HPB	2425	Cr\$ 75,00
Oakridges Reflection	HPB	FB1018	Cr\$ 450,00
Paclamar Astronaut	HPB	H096	Cr\$ 1.560,00
Priority	HPB	H017	Cr\$ 75,00
Sky Dean	HPB	2401	Cr\$ 80,00
Stalings	HPB	2519	Cr\$ 65,00
Star Mann	HPB	2446	Cr\$ 80,00
Zion Admiral	HPB	2253	Cr\$ 275,00
D. Emperor	HPB	H005	Cr\$ 70,00
Demand	HPB	2510	Cr\$ 375,00
Kit Builder	HPB	1959	Cr\$ 455,00
Piazito Jersey	Jersey	206	Cr\$ 45,00
Pattison	Jersey	738	Cr\$ 75,00
Angico	Jersey	207	Cr\$ 45,00
Rusty Red	HVB	2774	Cr\$ 85,00

*HPB - Holandês preto e branco

*HVB - Holandês vermelho e branco

Valor Médio Elevado:

A FEIRA DE GADO HOLANDÊS EM IJUÍ

Vendendo 294 animais com a apuração de soma superior a cinco milhões e 316 mil cruzeiros, a VI Exposição de Gado Leiteiro de Ijuí, realizada entre 29 a 31 de julho, alcançou êxito. Promoção da Prefeitura Municipal, Escola Municipal "Assis Brasil" e COTRIJUI, com a colaboração da Secretaria da Agricultura e Associação dos Criadores de Gado Holandês, constituiu-se na maior feira de holandês já realizada no interior do Rio Grande do Sul.

O valor médio alcançado pelo gado negociado foi de 18 mil e 83 cruzeiros, no que tam-

bém se caracteriza como o de maior índice para feiras do interior.

Os criadores e expositores Alípio Friederichs, Granja Sem Rival, de Alto da União, Ijuí e Carlos Rivaci Sperotto, Fazenda Tapera, município de Santo Augusto, foram os grandes campeões da Feira. O sr. Alípio Friederichs levantou as rosetas de Grande Campeã e Reservada de Grande Campeã na categoria PO (puro de origem) e Carlos Sperotto as de Grande Campeã e Reservada de Grande Campeã na categoria PC (puro por cruz).

Os demais destaques da VI



O casal Alípio e Hildegard Friederichs, ladeiam Mira Morena, classificada Reservada de Campeã.

Exposição de Ijuí foram os criadores e expositores Fausto Amado Gonçalves, de Guaíba; Jorge Mércio Borralho, de Lavras do Sul; Cristiano Ortega Mainero de Dom Pedrito.

A comercialização da Exposição esteve a cargo do Escritório Adeplan, de Ijuí, uma em-

presa nova no ramo mas que saiu-se muito bem.

COMISSÃO CENTRAL:
Bel. Mauro Miron - Presidente; Méd. Vet. Waldir Groff - Coordenador Geral; Téc. Cont. Mário Silva de Souza - Tesoureiro;

COMISSÃO EXECUTIVA:
Méd. Vet. Otalíz de Vargas Mon-

tardo - Coordenador; Méd. Vet. Valmor Gelatti; Méd. Vet. Ronaldo Soares de Oliveira; Méd. Vet. Paulo F.C. Garcez; Méd. Vet. Daniel Heuser; Méd. Vet. Darci Sallet; Méd. Vet. João Teixeira; Méd. Vet. Carlos René Hilgert; Téc. Ins. Hermes Natal Vanzin.

UMA REALIDADE O LANIFÍCIO DAS COOPERATIVAS GAÚCHAS

No começo, a solidariedade humana, a necessidade de soma de esforços e as consequentes vantagens de agir e comercializar em grupo, levaram os homens a se unirem em cooperativas. E agora, esse sentimento de união começa a ser despertado nas próprias entidades, como forma de aperfeiçoar e valorizar um sistema que se consagrou no tempo e no espaço.

Mais uma vez a bandeira do cooperativismo será içada no mastro da indústria por um punhado de cooperativas, fazendo com que o setor de lãs, um dos mais importantes da nossa economia, atinja a maioria plena e capaz, favorecendo principalmente aqueles que no dia-a-dia de seus criatórios ovinos, enfrentam frio, calor, secas, enchentes, geadas, estradas, doenças e preços aviltantes nos custos de produção.

Tudo começou quando a Cooperativa Regional de Lãs Vale do Uruguai Ltda—VALURUGUAI, sediada em Uruguiana, uma região ovinocultora de larga tradição e experiência, entendeu que o caminho seria a construção de um lanifício próprio, capaz de absorver a produção da região e receber uma proporção mais justa do que a entrega pura e simples do produto apenas classificado.

Durante quase cinco anos, vários contatos foram mantidos, seguindo-se uma infinidade de cálculos e planejamentos para que o grande sonho fosse concretizado. Nesse meio tempo houve quem não acreditasse na idéia e até mesmo quem torpedeasse os argumentos da construção de um lanifício próprio das cooperativas. Felizmente o pessoal da VALURUGUAI soube afastar o pessimismo e com o apoio de outras co-irmãs, conseguiu sobrepujar os entraves.

COOPERATIVAS ASSOCIADAS

O empreendimento conta com o apoio financeiro e operacional (suprimento de matéria prima) de cinco outras cooperativas que associadas a Valuruguai formam o "pool": COTRIJUI (Dom Pedrito), PASTORIL (Rio Pardo), TEJUPÁ (São Gabriel), SANTIAGUENSE (Santiago), e COPIL (Itaqui).

Conforme acordo operacional existente, essas cooperativas comprometem-se a entregar uma parcela de seu recebimento, na ordem de 30% aproximadamente, chegando-se ao total de um milhão e trezentos mil quilos/ano, que somada essa quantidade à lã da própria VALURUGUAI, viabilizará operacionalmente o lanifício em sua primeira etapa.

No primeiro estágio, o lanifício das cooperativas terá uma capacidade de operar com 5 milhões de quilos de lã.

Na etapa seguinte, a capacidade de produção chegará aos 11 milhões de quilos de lã. O projeto inicial já prevê a ampliação do empreendimento, tanto na obra civil como no sofisticado equipamento, que já está sendo embarcado na Europa.

O lanifício da VALURUGUAI deverá entrar em funcionamento no primeiro trimestre de 1979. Para isso o parque de obras já está sendo finalizado. O total do empreendimento chegará aos 140 mi-

lhões de cruzeiros. Os recursos ficaram escalonados da seguinte maneira: 20% da própria VALURUGUAI e subscrição das cooperativas associadas — COTRIJUI, TEJUPÁ, SANTIAGUENSE, COPIL e PASTORIL. Os 80% restantes estão assim distribuídos: BNDE/BRDE — 47% e BACEN (Banco Central do Brasil) com recursos na ordem de 33%.

Também é muito importante destacar o aspecto social proporcionado pelo Lanifício, que deverá gerar 300 novos empregos estáveis com mão-de-obra especializada e semi-especializada. Para isso, a VALURUGUAI já está mantendo vários cursos profissionalizantes, tendo recentemente contratado funcionários, sob regime C.L.T., que no momento apenas recebem treinamento especial para o trabalho que deverão desenvolver no Lanifício.

A área construída deverá atingir 12 mil metros quadrados na primeira fase, sendo que 75% desse total já está concluído.

Os produtos finais resultante do programa de produção serão os seguintes: tops de lã (matéria-prima para a tecelagem), blousse, resíduos, lã inferior e óleo de lanolina.

CONTROLE DO MEIO AMBIENTE

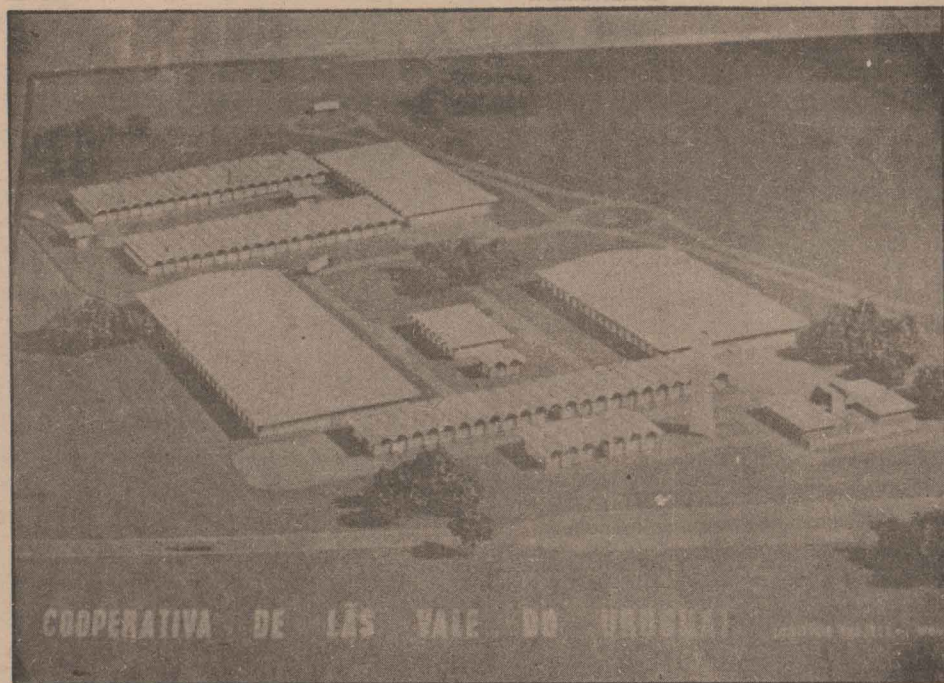
A reportagem do COTRIJORNAL teve oportunidade de constatar que nem mesmo um dos temas mais enfocados ultimamente foi esquecido. Encontra-se em fase final, para estudo junto aos órgãos especializados do controle de meio-ambiente, o projeto do afluentes industrial, considerando a hipótese de se extrair lanolina da lã lavada. Com a inclusão desse importante equipamento (extrator de gordura) será possível a obtenção de lanolina bruta, utilizada em produtos farmacêuticos como shampoos, sabonetes, cremes, fitas adesivas, óleos têxteis, anticorrosivos, impermeabilizantes, etc. Com isso os índices de poluição ficarão bastante reduzidos, além de proporcionar uma excelente fonte de renda com a produção de 140 toneladas de lanolina bruta. Esse produto possui mercado assegurado. Só para se ter uma idéia, em 1976 o Brasil importou 675 toneladas de lanolina.

Durante a visita feita pelo COTRIJORNAL a Uruguiana, em contato com os diretores da VALURUGUAI, foi possível aquilatar o magnífico ambiente em torno do empreendimento.

A diretoria da cooperativa tem a frente o dr. Hermes da Silva Pinto, presidente; Ruy Tellechea, diretor-gerente; Antônio Lourenço da Costa, diretor secretário e conta ainda com três assessores: dr. Jairo Gudis, superintendente financeiro; dr. José Pons, superintendente comercial e dr. Jaime Lucheze Moura, superintendente industrial.

Além da instalação do Lanifício, a VALURUGUAI também dá enorme importância à diversificação, incrementando a bacia leiteira da região em conjunto com a CCGL — Cooperativa Central Gaúcha de Leite, com a instalação de uma usina de processamento de leite, que receberá 50.000 litros/dia.

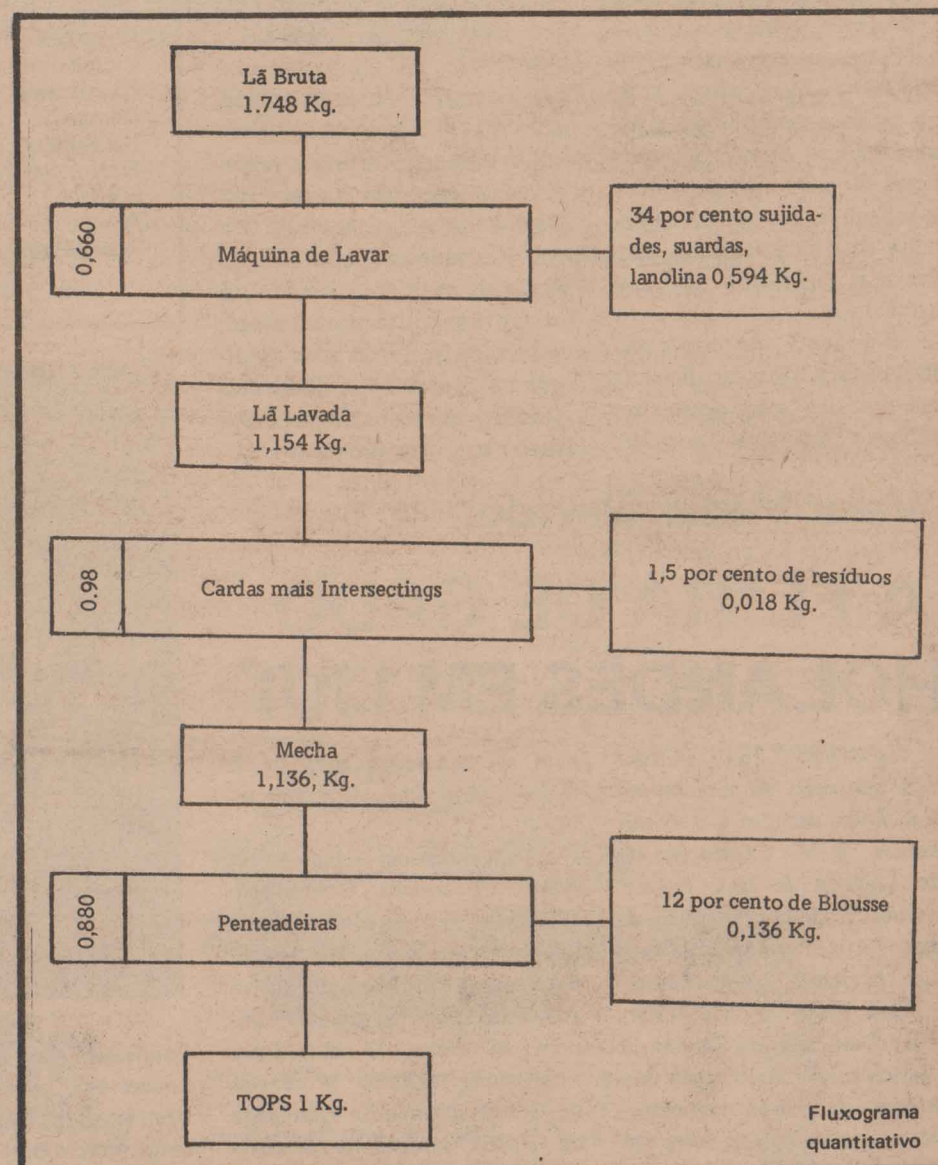
Em fase de estudos também se en-



contra o projeto para recebimento de cereais, uma vez que a primeira experiência da VALURUGUAI, no corrente ano, foi bem sucedida. Nessa operação de recebimento de grãos, a cooperativa contou com o apoio e a experiência da COTRIEXPORT, subsidiária da COTRIJUI.

No próximo mês de setembro deverá acontecer uma importante reunião en-

tre diretores das cooperativas associadas ao lanifício, sendo provável uma visita às sedes dessas cooperativas, no sentido de aprimorar detalhes técnicos, estabelecendo tipos de lãs que se adaptam aos tops, passando antes pelos processos de classificação, desdobre e triagem, lavagem, cardagem, preparação, penteagem e acabamento.



Realmente o cooperativismo dá um importante passo na instalação de um lanifício próprio do setor, demonstrando, apesar das críticas e dos constantes ataques, sua pujança e seu crescimento or-

denado, na valorização plena e consciente do produtor primário, demonstrando a força de cada um na união de todos e a força de todos no trabalho de cada um.